

Israel sem Máscara

Wiltold Kowerski

Índice

	Ao leitor
	Introdução
I	O mundo depois da guerra
II	A história na vida do judaísmo
III	Os tempos legendários de Israel
IV	As reformas de Ezdras e Nehemias
V	Sob o poder do Egypto e da Syria
VI	Roma e a destruição de Jerusalem
VII	As sublevações. O Synhedrion. O Talmud de Palestina
VIII	Os judeus e a desorganização do imperio romano
IX	O christianismo e os judeus
X	Babylonia e o Talmud babylonico

XI	O nascimento do Islão
XII	A idade aurea do judaismo na Espanha
XIII	Moysés Maimuni. Os cabalistas. O livro "Zohar"
XIV	Os movimentos sectarios e revolucionarios na idade media
XV	Os marranos. A Inquisição. A expulsão dos judeus da Espanha
XVI	As tentativas de salvamento. A Santa Inquisição em Portugal
XVII	A influencia judaica sobre o movimento humanistico
XVIII	O exordio da reformação
XIX	As explosões revolucionárias
XX	A contra-reformação. Os judeus na Turquia. Amsterdam
XXI	A Polonia, abrigo para o judaismo
XXII	A reformação na Polonia
XXIII	A guerra dos trinta annos
XXIV	A neutralidade da Polonia. O motim dos cozacos
XXV	A revolução de Cromwell. Manassé ben-Israel, Baruch Spinoza
XXVI	Sabbatai Tsvi, como messias
XXVII	As uniões secretas. Os symbolos, a hierarquia e o ritual da maçonaria
XXVIII	A Cabala e a iniciação maçónica
XXIX	A divisão dos ritos maçonicos
XXX	A maçonaria e os judeus
XXXI	A philosophia, a ethica e as senhas da maçonaria
XXXII	Moysés Mendelssohn. A revolução franceza e seus resultados
XXXIII	O governo das finanças judaicas
XXXIV	Os fins do socialismo

XXXV	O sionismo
XXXVI	Os financeiros judaicos e o bolchevismo
XXXVII	Os judeus na America do Norte
XXXVIII	A crise espiritual
XXXIX	A crise economica
XL	As perspectivas
XLI	A actualidade
	Bibliografia

Dedico este trabalho

ao presado amigo, Snr. Coronel Manuel dos Passos Maia, aos demais bons amigos e a todos meus ex-discipulos disseminados pelo Brazil.

Voltar

AO LEITOR

O livro que apresento ao publico, não é trabalho meu independente. Com excepção de alguns capitulos que são de minha lavra, o que nele se contem é uma tradução, quasi verbal, de um livro que appareceu em 1932, na Polonia e, ahi, em menos de um anno, já teve duas edições, O titulo do livro em questão é: “O occaso de Israel” (em polonez: “Zmierzch Izraela”).

Seu auctor, sr. Henryk Rolicki (leia-se Rilitski) escreveu-o para o publico polonez e, por conseguinte, fez questão de frisar especialmente os prejuizos que Israel causou á Polonia, sua collaboração activa com os inimigos do paiz que o hospedou ha seculos, tanto nas partilhas da Polonia, como, depois, durante a sua escravidão, mais que secular, sob o jugo da Austria, da Prussia e da Russia.

Visto que, para se comprehender perfeitamente esse trabalho clandestino dos filhos de Abrahão e dos seus auxiliares arios, é indispensavel um conhecimento aprofundado da historia poloneza, achei conveniente omitir esses capitulos que dizem respeito só a'Polonia, alias muito interessantes, que cansariam, entretanto, o leitor brasileiro. Em compensação, inclui um capitulo escripto por outro auctor sobre a acção dos judeus na America do Norte, accrescentei mais alguns capitulos baseados em observações e estudos,

emfim, na traducção do livro “O occaso de Israel”, permitti-me algumas ligeiras modificações e accrescimos que julguei convenientes.

No capitulo 1º (O mundo depois da guerra), aproveitei muitos pensamentos, até phrases inteiras, do livro “Omundo de após guerra e a Polonia”, tambem publicado em Varsovia e cuja terceira edição, estará breve esgotada. O auctor da obra em questão, o sr. Romão Dmowski, ex-presidente da delegação poloneza ao congresso da paz em Paris, um dos mais eminentes pensadores da actualidade, é o homem que mais contribuiu para o resurgimento da sua patria, depois da guerra mundial e antes da mesma, assim pela sua actividade politica, como polas obras publicadas.

Chamo a especial attenção do leitor sobre o caso que, tanto a historia e as observações sobre o judaismo, como as sobre as sociedades secretas são baseadas, quasi exclusivamente, sobre obras escriptas por judeus ou por membros das mesmas sociedades secretas. Caso alguma coisa não lhes agradar no presente livro - devem queixar-se da indiscreção dos proprios companheiros, commentadores e historiadores.

Ha algumas semanas apénas, appareceu em traducção portugueza uma série de artigos publicados (em 1919 e 1920) no jornal norte-americano Dearborn Independent pertencente ao sr. Henry Ford. Esta traducção, sob o titulo geral de “O judeu internacional” foi editada pela Livraria do Globo em Porto Alegre. Visto me ter cahido o livro acima só ha poucos dias nas mãos, fiquei com receio que, talvez, o meu trabalho se tivesse tornado inutil. Pela ligeira inspecção, entretanto, do “O judeu internacional”, cheguei á convicção que “Israel sem mascara” po derá ser muito bem aproveitado por todos os que quizerem aprofundar a questão judaica e que, para bem a comprehenderem, devem lêr ambos os livros.

Escrevi o livro usando orthographia latina. Como antigo lente de grego e latim, sempre continuarei firme na minha convicção que o portuguez é uma lingua derivada do latim e não do hebraico, facto este de que tem todas as razões de se vangloriar. Em consequencia, nunca mais me habituarei a escrever: “fato, ino, salmo, quimica, etc.”, em vez de “facto, hymno, psalmo, chimica etc.” Sou de opinião que a nova orthographia não passa de uma nova invencionice de certos crypto-arios que, cumprindo as ordens dos “superiores desconhecidos”, pretendem d’esta maneira afrouxar os laços de tradição que unem os povos latinos a Roma. Ahi, tambem, tem sua fonte os novos programmas de ensino que eliminaram o grego das escolas e reduziram o ensino do latim a uma farsa, assim como, nas faculdades juridicas, removeram o estudo do direito romano para um lugar de segunda ordem. O resultado de semelhantes medidas não se fez esperar muito: a decadencia da verdadeira instrucção e a fabricação, em séries, como se fabricam machinas de costura ou automoveis, de “doutos” semiletrados e semianalphabetos que, constituem um material flexivel e commodo nas mãos dos dirigentes invisiveis e, para a patria, um verdadeiro lastro inutil e oneroso.

Alguns amigos houveram por bem de me prevenir que não deveria expôr o meu nome a uma vingança eventual da parte de pessoas que não gostarão do “Israel sem mascara”. A minha resposta é a seguinte: 1º, tenho aversão ao anonymato e aos segredos não justificados; 2º, nunca tive medo de ninguem; 3º, feliz ou infelizmente, não disponho de uma fortuna de um Henry Ford a quem se possa arruinar por greves de operarios, concorrência commercial ou processos judiciaes. Não possúo nada que me possa ser tirado, excepto alguns livros e moveis mais que modestos. Quanto á vida - estou no fim dos meus dias e nada mais da vida espero. Tambem, com os tempos que correm, a vida não apresenta nenhum encanto mais e traz só aborrecimentos, cada vez maiores e mais variados. Duvido

muito que possa ainda alcançar outros tempos melhores e mais interessantes. Desejo-o, de todo o coração, aos nossos substitutos, á geração que está, actualmente, na flôr da idade e a que, principalmente, este livro dedico.

Maio de 1933

Witold de Bialynia Kowerski.

I INTRODUÇÃO

A questão judaica, tão pouco conhecida e discutida no Brazil que, até esta data, (Setembro de 1933), encontrei um unico artigo do sr. Assis Chateaubriand, dando informações exactas sobre o movimento libertador que faz estremecer quasi todo o mundo contra o jugo de Israel - não é apenas uma questão local de alguns paizes onde existem maiores agrupamentos judaicos. Com o progresso continuo dos meios de communicação e com a facilidade com que, hoje, se transmittem as idéias, questões locaes aliás, quasi mais não existem. Todo mal que assola um paiz, repercute, immediatamente, nos outros.

Visto que os judeus, como immigrants, são uns dos mais novos hospedes do Brazil, a população em geral pouco os conhece. Segundo o ditado latino: clara pacta veros faciunt amicos; em traducção livre, podemos dizer o mesmo: "precisamos conhecer-nos para ficarmos verdadeiros amigos". Afim de poder o Brazil conhecer seus novos hospedes e poder apreciar-os devidamente, embóra não tivesse sido convidado para tal, resolvi, por intermedio d'este livro, servir-lhes de "introductor diplomatico". Ambas as partes interessadas poderão só lucrar com isto.

A questão judaica não é um caso novo. O antisemitismo, segundo affirma Ernesto Rénan, que, tambem era judeu, é tão antigo como o proprio judaismo. Isto prova que o "povo eleito" não possúe amigos entre os demais povos. Os proprios judeus, em todas suas manifestações publicas, sempre se apresentam a si, como povo infeliz, que sempre esteve sujeito a "soffrimentos sobrehumanos", etc..

Admittindo mesmo que essas queixas sejam justificadas, será que somos nós, isto é, os demais povos, que temos culpa dos taes "soffrimentos sobrehumanos" de Israel? Será que os judeus nada fizeram para serem desprezados, odiados e perseguidos ?

Desde os tempos dos pharaós, dos chaldeus, dos assyrios, persas e quantos mais povos da antiguidade, os judeus e, só os judeus, foram victimas de perseguições especiaes. O velho historiador romano, Tacito, chama-os de "despectissima gens", o grande orador e patriota romano, Cicero, tem nojo d'elles. Nos tempos medievaes, a Inglaterra expulsa-os do paiz, desde o anno de 1290; o mesmo faz a França, a Espanha e o Portugal; são corridos da Italia e da Allemanha; a Russia prohibe-lhes o ingresso e, até á guerra mundial, não lhes concede direitos politicos, delimitando-lhes uma zona de habitação.

Será possivel que todo o mundo, principalmente o mundo civilisado, isto é, os povos arios tenham uma aversão innata contra essa gente nomade que não quer possuir patria e teima em sêr cidadão do mundo ? Porque não existe esta aversão contra os ciganos, por exemplo, que, tambem, são nomades e vivem entre os povos arios ?

Por toda parte onde os judeus appareceram pela primeira vez, foram recebidos de braços abertos. Assim foi o primeiro encontro de Israel com os antigos gregos, com a mesma benevolencia receberam-nos os romanos, depois a Espanha e os demais paizes europeus. Ao fim de algum tempo de convivencia cordeal, sempre o idyllio terminava com rixas, depois com perseguições e, afinal, com massacres.

Nos tempos mais modernos, no começo da reformação na Allemanha a que serviram de apostolos Reuchlin, Melanchton e Luthero, os judeus foram muito bem tratados pelos reformadores e, frequentemente, consultados. Não decorreram nem dez annos, que as relações tão amistosas foram rompidas e o mesmo Luthero eis o que escreve no seu estylo lapidar:

“É preciso pôr fogo por baixo das suas (judaicas - n. do auct.) synagogas e escolas; quem puder, junte pixe o enxofre. Quem puder juntar fogo do inferno, faz muito bem. O que o fogo não queimar, é necessario cobrir bem com terra para não apparecer mais nenhuma pedra, nenhum pedaço de carvão. Da mesma forma, é necessario quebrar e destruir suas casas e fechal-os, elles proprios, num galpão ou num chiqueiro, para aprenderem que não são donos do nosso paiz. É preciso tirar-lhes a protecção official (das Geleit) e prohibir-lhes as estradas publicas, pois nada têm elles de procurar pelas aldeias. É necessario prohibir-lhes toda usura e confiscar-lhes todos os bens, joias, ouro e prata, visto que tudo que possuem, roubaram a nós, por meio de sua usura scelerada, sendo que não sabem viver de outro modo... Enriquecem com o nosso suor e o nosso duro trabalho. Estamos ficando cada vez mais pobres, devido á sua exploração. Chupam-nos, como sanguessugas, deitam-se sobre os nossos peitos, como um pesadelo, esses canalhas e pançudos vadios; encham a garganta e devoram, passam bem em nossa casa; em compensação, blasphemam ao nosso Senhor Jesus, ás egrejas, aos principes, ameaçam a nós todos, desejam-nos a morte e toda qualidade de calamidades”.

Conforme se vê, o grito de Hitler: “Juda verpecke!” (Juda desapareça), não é uma invenção de hoje. O sr. Martin Luther, sem duvida, não frequentou a côrte de Versailles, não era um “petit maître” e não escolhia expressões melifluas para as suas proclamações; façamos, pois, um pulo de tres seculos na historia e ouçamos a opinião sobre Israel de um homem celebre, tambem allemão, que não era nem politico nem reformador, mas famoso artista, musico apénas, o famoso compositor do cyclo dos Nibelungos, Ricardo Wagner:

“Desejavamos muito aos judeus um estado hierosolymitano; sómos obrigado, entretanto, a lastimar a fineza demasiada do sr. Rothschild, que, ao envez de ficar rei dos judeus, tornou-se judeu dos reis. De um modo completamente imperceptivel, este credor dos reis transformou-se num rei dos credores. Por conseguinte, a exigencia deste rei de uma emancipação dos judeus, devemos reconhecê-la como sendo muito ingenua, visto que sómos nós que deveriamos lutar pela nossa emancipação dos judeus. Porquanto, no actual estado das coisas, o judeu já é mais do que emancipado; está dominando e ha de dominar, emquanto o dinheiro fôr synonimo do poder... Não é necessario constatar a judaisação da arte contemporanea - isto simplesmente, atira-se á nossa vista. O judeu falla a lingua da nação entre a qual vive, mas falla sempre como um estrangeiro. A nossa civilisação européia e a nossa arte - são, para os judeus, coisas extranhas. Estas coisas extranhas, o judeu póde só imital-as, como macaco... O judeu instruido é extranho á sociedade que não comprehende... Nos tempos em que Goethe e Schiller produziam as suas obras, não ouviamos ainda fallar num judeu que fizesse versos; hoje, entretanto, quando a produção artistica tornou-se uma mentira, confessou esta mentira, com escárneo, um judeu talentoso e poetico (trata-se de Henrique Heine - n. do auct.)”.

As observações de Wagner sobre a judaização da arte são mais actuaes hoje do que o foram nos tempos do grande musico. Hoje, não é só a arte que está judaisada: judaisada são a propria sciencia, a politica, a diplomacia e, até a moral em todo o mundo que tem pretensões a maior civilização e á maior cultura - no mundo ario.

A questão judaica de que trata este livro, é de uma importancia tão grande e é tão actual que toda pessoa que se interessa por mais alguma coisa que pão quotidiano para o corpo, e o cinema ou cabaret para a alma, deve conhecê-la, visto que o judaismo, por intermedio de sociedades secretas por elle fundadas entre os arios, penetrou em todos os terrenos da nossa vida.

O judaismo não gosta de apparecer á luz do dia; prefere agir por substitutos, ad hoc adestrados, que trabalham a favor de Israel entre os arios obedecendo cegamente ás ordens dos chefes invisiveis. Em vista d'isso, o presente livro procura tirar a mascara não só a Israel, como tambem aos seus substitutos e auxiliares. Entre estes, existem muitos homens honestos que se deixaram alliciar para membros de certas sociedades "philanthropicas" secretas; uns por companheirismo, outros por curiosidade, ainda outros por vaidade, emfim, a maioria - pelas promessas de auxilio e protecção na carreira. Entre todos elles, nem um por dez mil será de facto iniciado nos verdadeiros propositos e mysterios da sociedade, bem como na essencia da sua philanthropia. Continuará sendo pião nas mãos dos seus prepostos os quaes, por sua vez, não passam de piães nas mãos dos "superiores desconhecidos".

Homens que consertaram a sua moral e uma rectidão de character innatas e conseguiram chegar a um certo grau de iniciação que lhes desvendou uma parte dos mysterios da "philanthropia" secreta, recuaram indignados e, como Adrien Leroux, ex 33º, publicaram muitos segredos do judaismo mascarado.

Com o desmoronamento da antiga organização economica mundial a que estamos assistindo actualmente e cuja organização, conforme os leitores verão nos capitulos d'este livro, tambem é producto do judaismo - a estrella tanto de Israel, como a dos seus companheiros arios, estao perdendo o brilho com que, até ha poucos annos, estavam resplandecendo. Entre a jovem geração européa que, d'aqui quatro ou cinco annos, substituirá a geração actual no leme das sociedades, estão renascendo os verdadeiros ideaes de antanho; o materialismo e o internachonalismo estão se extinguindo. O socialismo que os "philanthropos procuram implantar no Brazil, como idéa moderna e actual, no velho continente está morrendo de morte natural, por falta de vitaminas. Procuram prolongar-lhe a vida os velhos "companheiros", fieis á bandeira vermelha, mas são distanciados ou pelos communispas que, no seu raciocínio, são mais consequentes, ou pelos jovens que nada mais querem saber do farrapo rubro.

A philanthropia occulta, corrida da Italia e da Allemanha officialmente, procura desquitar-se na infeliz Espanha marcando a sua passagem por incendio, bombas e anarchia. Não demorará a hora em que poucos serão os paizes onde poderá encontrar um porto seguro.

Oxalá que este livro, producto de longas obsertações, muitos estudos e muitas noites de insomnia, possa servir de alguma luz aos errantes que, inconscientemente, continuam puxando o carro de Israel e, inconsientemente, estão levando a patria á ruina.

II O MUNDO DEPOIS DA GUERRA

Os investigadores da crosta terrestre descobriram, já faz muitos annos, que na historia d'essa crosta houve momentos de grandes revoluções, transformando completamente o aspecto do mundo. Seguem-se-lhes novas formações geologicas, surgem rochas differentes,

bem como novos typos de plantas e de animaes. Esses momentos, na lingua dos geologos, chamam-se cataclysmos e foi este nome que se emprestou para a designação de grandes revoluções nos annaes da humanidade.

Aos homens da nossa geração foi reservado o papel de testemunhas e de participes de um d'esses cataclysmos na historia das nações. A guerra de 1914-1918 não foi uma refrega commum entre potencias, depois da qual a vida volta ás suas normas, mais ou menos antigas - digo, mais ou menos, pois que nunca o faz totalmente - e a continuidade da sua evolução não fica interrompida. A guerra abalou os fundamentos da vida interna das nações e das relações internacionaes; é d'ella que começa uma transformação completa na organização do mundo inteiro.

Os homens de hoje, nascidos e educados antes da guerra, n'um mundo que, em parte, já desmoronou e continua desmoronando de uma maneira vertiginosa, sempre ainda estão pensando por categorias antigas e perseguindo as formas que lhes fogem de vista. A nova realidade, entretanto, passa por cima de suas cabeças e prepara-lhes desencantos, cada vez novos, cada vez mais dolorosos. Esta realidade está organizando, com uma exigua participação do consciente pensamento humano, um novo mundo, uma vida nova, com novos typos de homens, com novas relações entre forças - um mundo terrível para uns, trazendo destinos mais prosperos para outros.

N'este mundo que ainda se acha in statu nascendi, ninguém ainda é capaz de orientar-se. Quando muito, póde-se fazer esforços para comprehendel-o.

Infelizmente, até os esforços são poucos os que apparecem.

Ha uns quarenta annos, certo professor vienense disse uma grande verdade : que o maior perigo da nossa civilisação e que lhe preparava catastrophes desconhecidas, era o facto de um progresso technico vertiginoso, não acompanhado de perto pelo progresso moral e politico.

A guerra mundial demosntrou que, n'essa opinião, aliás tão justa, algo ainda faltava. O perigo do celere progresso technico é tambem augmentado pelo facto de não ser elle acompanhado de perto pelo progresso intellectual. Pelo contrario, nos ultimos tempos em que a technica obteve triumphos inauditos, quando as suas conquistas começaram a transformar até a vida quotidiana do individuo, os homens iam-se tornando cada vez mais superficiaes; uma apparição cada vez mais rara tornavam-se os espiritos eminentes que encaravam claramente a realidade, capazes de perceber nitidamente o conjunto das questões, em que era seu dever encontrar a linha de conducta. O mundo encheu-se de individuos semi-intellectuaes, inaproveitaveis para a sociedade, em uma palavra, individuos superfluos, que estão constituindo um onus para a collectividade. Individuos em que estejam reunidas á instrucção, a uma verdadeira instrucção. - rectidão, força de character, energia, logica, moral e perseverança, quasi não existem mais.

“Quanto mais engenhosa ficava a machina, tanto mais estulto ficava o homem.”(1).

É verdade que a este facto contribuíram, em grande parte, as organizações secretas que se apoderaram não só da maioria dos governos, como tambem da instrucção publica, da litteratura, da imprensa, da arte e de todas as manifestações do genio humano. A essas organizações, não lhes convinham espiritos fortes e independentes, que não se sujeitariam a ordens superiores, muitas vezes incompreensíveis, muitas vezes, até, revoltantes e contrarias á moral. Convinham-lhes mais mediocridades obedientes que trabalhassem sem raciocinio proprio, para um fim só por ellas conhecido. D'ahi resultava que, frequentemente, grandes talentos e grandes espiritos morriam em abandono e em esquecimento, ao passo que individuos, apénas mediocres ou menos de que mediocres,

chegavam a occupar posições de responsabilidade; talentos, também mediocres apenas, obtinham o apoio do reclame internacional, para se tornarem conhecidos no mundo inteiro.

Como illustração d'esta verdade, é sufficiente citarmos um exemplo : quando o escriptor polonez Ladislau Reymont, que não gozava de proteção das organizações internacionais, recebeu , ha alguns annos atraz, o premio Nobel de litteratura, a grande maioria do mundo civilisado ficou estupefacta, pois nunca ouvira fallar nas obras primas do laureado, ao passo que os escriptos mais que mediocres do bolchevista Maximo Gorky são traduzidos em quasi todas as linguaes e o auctor d'essas mediocridades passa por um escriptor de grande talento. Em todas as linguas são, aliás, traduzidas as edificantes produções do judeu Pitigrilli, de Decobra, etc.

Exemplos d'esta qualidade poderíamos citar ás duzias e não só na litteratura. Ha-os, principalmente, na politica.

Nada mais que a guerra mundial, veio provar a verdade da nossa affirmação : as circumstancias de sua explosão, o modo por que foi dirigida, assim sob o ponto de vista militar como politico, a forma de sua terminação, a paz concluida e os commentarios a tudo isso publicados depois pelos principaes actores do drama - tudo isso diz a favor da grandeza, da potencia extraordinaria dos meios de que dispunha na lucta e que foram fornecidos pela technica e pela organização aproveitando essa technica; também diz a favor da riqueza das nações, mas, ao mesmo tempo, depõe contra o valor intellectual e moral dos homens a quem foi confiado o aproveitamento d'esses meios. A guerra foi, tal uma machina colossal, posta em movimento, sem se saber por quem, por que razão e com que fim; ninguem soube dirigil-a nem fazel-a parar, de modo que funccionou durante mais de quatro annos, destruindo vidas humanas e fructos do trabalho e do genio humanos, até que parou, por falta de combustivel e de lubrificantes.

Com respeito á propria guerra, poder-se-ia dizer que o futuro historiador, por mais genial que fôr, sem ter acesso aos archivos secretos das organizações internacionaes clandestinas, nunca conseguirá desenredar os planos, frequentemente suicidas, e o procedimento da nossa época.

Porque, antes da guerra, se fomentou na França e na Inglaterra uma intensa politica pacifista, ao passo que a Allemanha augmentava o seu poder militar a um nivel nunca visto antes ?

Porque, no começo da guerra, se fizeram muitas coisas, como se fossem de proposito para prolongal-a ?

Porque, no Occidente, se evitava um appello ao patriotismo do exercito ?

Porque se tratou com tolerancia a propaganda aberta contra a continuação da guerra, até uma victoria decisiva ?

Porque, em vez de uma victoria decisiva, se terminou a guerra por uma revolução ?

Porque se emprestou ao Congresso da Paz um character de tribunal-julgador dos culpados ?

Porque, no dia seguinte ao da assignatura da paz, se iniciou um trabalho, por parte dos vencedores, para serem annulladas algumas clausulas do tratado ?

Porque não foram estabelecidas, desde logo, as fronteiras dos paizes orientaes na Europa, deixando-os sangrar mais dois annos ?

Porque, em vez de dar um golpe decisivo ao bolchevismo, foram retirados os contingentes alliados da Russia, no momemto mesmo em que os Soviets já estavam exhaustos ?

Porque se tolerou uma greve geral em quasi todos os portos da Europa Occidental, prohibindo o embarque de armas e munições para a Polonia, na occasião em que esta, sósinha, defendia a civilisação contra as hordas bolchevistas ?

Porque não se attendia aos conselhos de Foch e entregou-se uma quasi dictadura da Europa a um individuo teimoso e quasi ignorante da especie de Lloyd Georg ?...

De taes “porques” poder-se-ia compôr uma lista comprida. Infelizmente, todos os dias apparecem novos “porques” e, ou ficam sem resposta, ou a resposta é tão confusa que nada esclarece. A sorte dos politicos que, provavelmente, na maioria dos casos, elles mesmos não sabem porque lhes mandaram proceder d’este ou d’aquelle modo, é que o povo em geral, disciplinado pelas organizações clandestinas, cada vez menos pergunta.

Depois da guerra, a mediocridade e a impotencia dos espiritos manifestou-se com maior evidencia ainda deante da catastrophe economica que assolou a Europa e, depois, o mundo inteiro. Era ella attribuida, em seu total, á destruição das riquezas nacionaes pela guerra, esquecendo-se que, já antes da guerra, appareceu uma série de factos ameaçadores para a economia geral. Não se tomou em consideração o facto de que uma organização economica de character anarchico havia de, mais cedo ou mais tarde, acabar por uma catastrophe. A emancipação economica dos paizes do ultramar que, até essa época, consumiam a maior parte das producções européa e americana, não podia permittir que esses continentes continuassem sua producção anarchica, destinada á exportação. As Indias, a China e, principalmente, o Japão fundaram industrias proprias, que não só fornecem sufficientemente seu proprio interior, como, até, já estão eliminando aos poucos as mercadorias européas e americanas dos demais mercados asiaticos e australianos, penetrando mesmo na Africa, na America e na Europa (sedas japonezas são vendidas em Lyon, centro da industria franceza de sedas). Os paizes em que, antigamente, se trocavam contas de vidro por ouro ou marfim, estão ficando muito escassos.

Desde os tempos mais remotos, as nações consideravam como principal fonte de riqueza o commercio com povos longinquos, menos civilizados, economicamente mais pobres, mais fracos ou possuindo idéas differentes sobre o valor comparativo dos objectos do intercambio. Ás riquezas do velho mundo e da America deram inicio ás operações em que a troco de contas de vidro, se recebia ouro. É verdade que diminuia o numero de homens que dava valor a bugigangas e que pretendendo auferir lucros, era preciso exportar productos cada vez melhores e empatar um capital cada vez maior; não obstante, o commercio de além mar sempre ainda ficou muito mais lucrativo que o do interior. Os enormes lucros d’esse commercio foram a base de riqueza das nações mais civilizadas; á riqueza seguia-se o augmento das necessidades, das exigencias que, dispondo de meios para satisfazel-as, originaram o desenvolvimento colossal do commercio mutuo entre as proprias nações exportadoras.

Ao comparar as quotas de intercambio mutuo das nações industriaes com as do intercambio entre as mesmas e os paizes de ultramar, verificamos que são as primeiras que se impõem. Resulta d’ellas que a industria dos paizes exportadores, sem se mencionar o mercado interior de cada um d’elles, trabalhava muito mais para as necessidades dos mesmos paizes industriaes do que para os mercados dos outros continentes. D’ahi, generalisou-se, desde os tempos de antes da guerra, a opinião de que a fonte da magnifica evolução d’esses paizes era o seu bem estar originando novas necessidades, cuja satisfação provocava o crescente desenvolvimento da industria. Os extremos representantes d’essa opinião não tomavam em consideração que o bem estar nascera da exploração dos outros continentes e que, á medida que a exploração se tornava cada vez mais difficil, o bem estar não podia manter-se mais no mesmo nivel.

Nunca talvez, na historia da humanidade a orientação economica das nações decahira tanto, chegara a tamanhos absurdos, como o foi hoje, após a guerra, na propria época de progresso inaudito da technica.

A opinião acima mencionada, do bem estar que alimenta a industria, espalhando-se geralmente, conforme se deduz da abundante litteratura economica moderna, levou algumas nações, com referencia á sua politica economica, a verdadeiros disparates que se podem explicar só pelo facto de que, em vista da decadencia intellectual geral, certas mentiras convencionaes destinadas á exportação, são recebidas sem critica no interior e adquirem a posição de verdades inabalaveis. São muitas d'essas mentiras que conseguiram fazer carreiras. Quem é que tem interesse em propagar taes mentiras - a questão é outra; os capitulos seguintes d'este livro lançarão um raio de luz sobre esta questão.

Para não fazer affirmações sem poder-as provar, citaremos um exemplo de mentira convencional que fez carreira e que custou caro a quem a tomou por um axioma.

Logo após a terminação da guerra, demonstrou-se aos inglezes (tempos de celebre scientispa Lloyd Georg), pela estatistica, que o primeiro lugar na importação dos productos britannicos occupava a Allemanha e convenceram-se de que a Allemanha constituia o melhor mercado para a Inglaterra. D'ahi a conclusão logica que a principal causa de decadencia da industria ingleza era o empobrecimento da Allemanha, em consequencia da guerra e, depois, as condições de paz que lhe foi imposta. Si a Inglaterra, portanto, queria a salvar a sua industria, tinha de fazer todos os esforços para restituir á Allemanha seu bem estar de antes da guerra, isto é, restituir-lhe a sua antiga posição politica e economica no mundo. Nada se disse, entretanto, sobre o facto que o crescente bem estar da Allemanha provinha principalmente da circumstancia de que, antes da guerra, tendo começado a sua carreira economica com 5.000.000.000 de francos ouro provenientes da contribuição imposta á França em 1871, graças ao desenvolvimento das suas industrias, das suas linhas de navegação e do seu commercio, a Allemanha tornou-se a mais perigosa concorrente da Inglaterra nos mercados mundiaes, começando a eliminal-a, assim d'esses mercados, como, até, das proprias colonias britannicas. A Allemanha tornou-se, sem duvida, a melhor cliente da industria ingleza; pagava-lhe, porém, os seus productos com dinheiro ganho á custa d'ella.

Foi esta theoria, com a respectiva omissão naturalmente, que sr. Lloyd Georg e, atraz d'elle, toda a Inglaterra acreditou e a adoptou com o programma oriundo da mesma. D'ahi provem o abandono da França, logo após a guerra, d'ahi os emprestimos colossaes fornecidos á Allemanha, d'ahi o procedimento mais que duvidoso dos commissarios inglezes nomeados para fiscalizarem o plebiscito na Prussia Oriental, d'ahi a opposição de Lloyd Georg á entrega da Alta Silesia á Polonia sem plebiscito, d'ahi a invenção da "cidade livre" de Gdansk (Danzig) impedindo á Polonia a uma sahida livre para o mar, d'ahi o veto inglez, quanto ao desembarcar das tropas polonezas vindas da França no porto de Gdansk, d'ahi a patente protecção que o mesmo Lloyd Georg manifestava aos maximalistas, por occasião da guerra polono-russa, d'ahi, emfim, mais dois annos de anarchia e de sangue na Europa, bem como uma chuva de ouro inglez que fertilisou a Allemanha, permitindo-lhe não sómente reconstruir a sua industria, augmental-a consideravelmente, como ainda construir milhares de kilometros de estradas estrategicas e poderosissimas fortificações. Visto que os Estados Unidos da America do Norte adoptaram a mesma politica, quanto á Allemanha, empregando n'esse paiz um numero verdadeiramente astronomico de dollares, a Allemanha poude, por sua vez, manifestar a sua gratidão ás raças parentes, fornecendo vastos credits ao governo bolchevista, em cujo paiz

fundou todas as industrias, inclusive a de gazes asphyxiantes, canhões de grosso calibre, aeroplanos de bombardeio etc., industrias essas que, devido ás clausulas da paz e á fiscalisação alliada, não poude estabelecer no proprio paiz.

É verdade que quem pensava pelo sr, Lloyd Georg era seu secretario, um judeu e que o primeiro homem da America do Norte era, n'aquella época, outro judeu, o senador Borah, "irmão" da loja "Bnai Brith".

Taes provas de decadencia do pensamento economico, assim na Europa, como na America, existem muitas. Continúa acompanhando esta decadencia um constante progresso da technica e da organização apoiada na technica.

Como já se disse : quanto mais engenhosa a machina, tanto mais estulto o homem. Estulto e immoral.

Em todas as crises economicas, sejam ellas artificialmente provocadas, ou sejam naturaes, sempre existe alguém que tem todo interesse em prolongal-as, visto que taes crises se tornam para esse alguém uma verdadeira época de colheita, uma safra.

As vezes, nem é o immediato lucro material que esse alguém tem em vista, procurando prolongar a crise. Durante uma crise prolongada, luctando continuamente contra toda especie de difficuldades e aborrecimentos, os homens em geral tornam-se mais nervosos, exasperados e dispostos a commeter actos mais irreflectidos, que nunca seriam capazes de commeter n'uma época normal. Perdem o juizo e tornam-se mais maneaveis, deixam-se levar pelos conselhos mais loucos e immoraes. As organizações secretas, cujos planos ninguem conhece, sempre precisam de homens n'estas condições.

A prolongada guerra mundial, tão impotente pela sua technica, tão aperfeiçoada nos seus instrumentos mortiferos, aniquillou não só milhões de vidas, como tambem fez uma devastação terrivel nas almas humanas.

Em primeiro lugar, a guerra esgotou em grande escala a energia nervosa dos que n'ella participaram e dos que soffreram seus effeitos. A esta, por assim dizer, destruição physica dos homens, é preciso accrescentar a não menos mortifera influencia da guerra sobre os instinctos e as idéas moraes,

As longas guerras sempre traziam, como resultado, effeitos destructores no terreno moral. Depois das guerras napoleonicas, a França, durante muitos annos, soffreu a praga do banditismo. A suspensão por tempo prolongado dos factores que ensinam o homem conviver com os outros dentro de estaveis normas juridicas e ethicas, estimar a vida humana e a propriedade alheia, a honra e a independencia alheias, conter seus inctinctos mais brutaes e primitivos, trabalhar honestamente, em uma palavra, que o tornam um homem civilisado - é capaz de destruir nas almas, mórmente nas formadas superficialmente, sob o ponto de vista moral, todas as qualidades, para a formação das quaes contribui o trabalho de uma série de gerações.

Contudo, assim no terreno moral, como no terreno economico, é certo que a decadencia acima constatada só em parte é um effeito da guerra. Os symptomas d'esta decadencia appareciam mui nitidamente, desde algumas gerações. O que mais resaltava, era a devassidão que refectia e, talvez, ainda ultrapassava a realidade na litteratura, assim como o extraordinario desenvolvimento do roubo, sob todas as formas, desde as mais brutaes, até as mais refinadas, quasi elegantes.

Sobre esta decadencia ethica tambem influíam as novas formas de vida economica, arrancando os homens em massa de dentro do seu ambiente tradicional, assim como o crescimento rapido das cidades acompanhado do desaparecimento de sua antiga organização, como o condensamento da população, como a crescente riqueza, assim como,

enfim, a destruição consciente do espirito religioso. Esta era feita em nome da sciencia esquisita, aliás, que sentia menos tolerancia para a religião, do que para preconceitos estupidos e superstições barbaras.

Um dos prejuizos mais fataes que soffreu a nossa civilisação é a falta geral, entre as gerações de após guerra, de uma fé em grandes problemas, de um amor a grandes idéas, de disposição para grandes esforços e para sacrificio em geral, mórmente quando se trata de questões impessoaes. Os fanaticos nobres extinguiram-se, ou estão a extinguir-se os ultimos. Este estado moral que está preparando á nossa civilisação um triste futuro, agradece-o o mundo não só a guerra mundial, como, antes de mais nada, á educação do periodo de antes da guerra, com seu crescente materialismo, á educação por paes religiosamente indifferentes ou francamente atheus.

Para este estado de coisas contribuíram grandemente aquelles em cujo interesse estava a ruina da antiga civilisação aria, baseada nas tradições romanas e no christianismo. Emquanto permaneciam firmes as tradições de Roma, a união da familia e a verdadeira religião, não era possivel pôrem-se em pratica planos satanicos tendo por fim a dominação do mundo, por uma insignificante parcella da humanidade, embora unida solidariamente, dispondo de enormes meios materiaes, perfeitamente disciplinada e educada, desde a infancia, por uma escola multiseccular de astucia e de duplicidade.

O corpo são resiste com facilidade a bacterias e microbios morbidos, ao passo que o corpo enfraquecido entrega-se a um incommodo insignificante qualquer. N'uma sociedade sã e fiel ás tradições legadas por seus antepassados, não pegariam as vaccinas do socialismo, communismo e internacionalismo. Tornou-se necessario destruir em primeiro logar a moral, ridicularisar as tradições, para, depois, procederem-se ás experiencias de subversão da ordem estabelecida.

Foi d'este papel que se encarregou o judaismo mundial e as sociedades secretas por elle organizadas e chefiadas.

Na época de transformações profundas que se seguem de uma maneira vertiginosa e de que soffre, actualmente, o mundo da nossa civilisação, a questão judaica não evitou o destino geral dos problemas vitaes d'esta civilisação. Tambem ella entrou n'um periodo de grave crise que tem de levar a grandes modificações na posição dos judeus e no papel que estão desempenhando.

Esta crise apparece n'um momento de maior força e de maior prestigio do judaismo, quando, depois da guerra mundial, Israel obteve uma série de triumphos, como nunca talvez os obtivera em toda sua longa historia.

No presente livro, o leitor encontrará uma descripção fundamentada do povo eleito : a sua historia, a sua actividade, a sua idéologia, a acção dos seus substitutos entre os arios, enfim, conhecel-os-á sem mascara.

(1) Romão Dmowski: O mundo de após guerra e a Polonia; 2 edição, pag. 9.

III A HISTORIA NA VIDA DO JUDAISMO

A unica chave que serve para a comprehensão do judaismo é o conhecimento da sua historia. A religião judaica é uma religião historica e politica. Do ponto de vista da actualidade, para qualquer um de nós, o judaismo tem de constituir um enigma indecifrável, algo de anatural, algo de simplesmente phantastico. Á luz da historia é que se esclarecem as trevas do mysterio.

“As raízes de toda a religião judaica estão enterradas na historia do povo judeu. A sua origem é um facto historico : é a emigração do Egipto. Em todos seus momentos criticos, encontramos acontecimentos historicos. D’estes que a religião está haurindo a sua força, nas profundezas do character nacional judaico está o seu mysterio.

A forma da sua evolução, é a politica” (1).

Como ? a politica ? que tem de vêr a politica com as crenças religiosas ?

A resposta a estas questões nol-a fornece o citado philisofo judaico :

“As idéas ethico-politicas constituíam a espinha dorsal do judaismo. Moyses e, depois d’elle, todos os grandes chefes do povo judaico, cuja actividade evoluía apparentemente só em terreno religioso, não cuidavam da religião, mas, sim, do Reino Divino. Entretanto, n’esta concepção mesmo a politica é uma religião, é uma actividade enthusiastica, dirigida directamente para o Absoluto, para Deus, é a unica realidade da vida contendo em si todas as demais. Portanto, não é mais uma actividade entre outras, uma plataforma de consciencia entre outras, mas é a relação do homem, da vontade humana, de um modo abrangendo toda a vida, ás exigencias que lhe dicta o absoluto. Em outro sentido, é politica a regularisação das relações humanas e da vida quotidiana de todo individuo por si de tal modo, que sejam, no fim d’este periodo, orientadas para o fim almejado. Esta orientação chamaram-na os judeus de Justiça” (2).

Expliquemos as idéas acima em lingua menos philosophica. Eis que os legisladores religiosos dos judeus não cuidavam da religião como tal, mas da fundação definitiva para o seu Jehovah de um reino divino n’esta terra. Portanto, foi um fim politico e a religião por elles pregada tornou-se uma religião politica. Ao revestir o seu fim politico com facto religioso, conseguiram a arregimentação de um povo inteiro e das gerações posteriores em uma só tropa de luctadores politicos. Um outro fim foi a regulamentação de toda a legislação de tal forma, que todo acto de cada individuo pudesse ser destinado ao fim politico almejado e, d’este modo, tornar-se um acto politico. O principal meio de actuação dos dirigintes de Israel foi a criação, para as massas populares, de uma ethica especial : justo, portanto, procedendo de accordo com a ethica judaica, é só aquelle judeu cujos actos em geral almejam o unico fim politico que é a fundação do reino de Jehovah, ainda n’este mundo.

Deve nos interessar vivamente tal Jehovah, esse deus de Israel, que pretende reinar sobre o mundo, pois chegamos á conclusão que não é um Deus universal, Deus de todos, mas, sim, uma typica divindade de tribu, a divindade exclusiva de Israel.

O livro de Izaias diz o seguinte aos israelitas : “É o que diz o Senhor : o labor dos egypcios, o commercio ethiope e o de Sabaim, todos os homens importantes a ti chegarão e serão teus; irão atraz de ti algemados, deante de ti se abaixarão e ati resarão; só em ti está Deus e não ha Deus fóra de ti”. (XLV - 14).

Tambem em outro lugar : “As tuas portas se conservarão constantemente abertas; nem de dia nem de noite se fecharão para que te seja trazida a potencia das nações e que os reis te sejam trazidos. Porquanto a nação e o reino que não te servir, perecerá. E chegarão a ti cumprimentando-te os filhos d’aquelles que te apoquentaram. E beberás o leite das nações e serás alimentado com o seio dos reis.” (LXI - 5).

Conforme vemos, aquelle reino de Jehovah não é, de modo algum, ideado de uma forma celeste; é um reino muito d’este mundo que garante aos executadores d’esse culto politico-religioso, aos partícipes da alliança com Jehovah, vantagens indubitaveis, sob a forma de poder sobre outras nações.

Eis o sentido da aliança, eis o interesse que as duas partes contractantes n'essa aliança: "Vendi-vos a minha doutrina e estou vendido junto com ella" (Midras Theruma - 34). Eis o real mysterio da religião politica para cuja realisação Israel trabalha com todas as forças através dos seculos.

Os meios de acção são sujeitos a modificações; falhando uns, lança-se mão de outros e a mysteriosidade do fim almejado justifica sufficientemente o occultamento dos meios para os quaes o unico criterio ethico é a justiça, isto é, o seu valor pratico para poder conseguir o fim. D'ahi provem a opinião secular e geral que os judeus são adeptos da maxima: o fim santifica os meios.

Os dirigentes de Israel impõem a modificação dos methodos ás suas massas populares de um modo violento, revolucionario. Taes revoluções dentro de Israel não trazem, todavia, desprezo ao passado, pois são, apenas, revoluções no terreno dos meios a serem adoptados. Refugados hoje, poderão no futuro readquirir novamente o seu valor.

As revoluções dentro de Israel não ferem os dogmas que consistem na aliança com Jehovah e no exito final. Estes dogmas que são o fundamento da immutabilidade historica de Israel.

(1) H. Kohn: Die politische Idee des Judentums, pagina 20.

(2) H. Kohn: Die politische Idee des Judentums, paginas 20 e 21.

Voltar

III OS TEMPOS LEGENDARIOS DE ISRAEL

Os tempos legendarios, prehistoricos de Israel, estamos os relatando, de accordo com os factos e os commentarios fornecidos pelos historiadores judaicos modernos, pois, n'essa obra, nos interessa esse periodo do judaismo unicamente do ponto de vista dos proprios judeus. Os escriptores catholicos apresentam esses tempos antigos do povo judaico sob uma luz completamente differente.

O documento historico mais antigo, não judaico, no qual se falla em israelitas, é o obelisco de um rei dos moabitas, descoberto em 1860, que relata a libertação d'esse povo do jugo israelita. Refere-se á época da divisão do reino judaico, já depois de Salomão. As pedras assyrias em que são descriptas as guerras do rei Calmanassar com os israelitas, datam do seculo IX antes de Christo.

Por falta de dados historicos satisfactorios, nada podemos affirmar de positivo sobre a permanencia dos judeus no Egypto e sobre as causas de sua emigração do reino dos pharaós. Os tempos posteriores nenhuma base nos fornece para affirmarmos que, no Egypto, permanecera a tradição de um sentimento hostile contra os israelitas. Até, pelo contrario, o Egypto, desde as primeiras guerras com a Assyria, torna-se um terreno de immigração judaica e um alliado militar do estado judaico.

Seja como fôr, ao julgar pelos factos historicos fornecidos pelos proprios judeus e baseando-se nas suas fontes, concluimos que foi do antigo Egypto que os judeus importaram o governo sacerdotal, a mysteriosidade do culto, a magia, as sociedades secretas e, até, taes innovações como o culto do touro (bezerro) e a prohibição do comer carne do porco.

Os sacerdotes em Israel, como os no Egypto, constituíam uma casta fechada de iniciados. Recrutavam-se elles exclusivamente da estirpe de Aarão (Aronidas); seus auxiliares eram os Levitas.

Assim como no Egypto, a religião era um mysterio perante o povo. Os livros sagrados eram conhecidos só pelos iniciados. “Os livros das leis e das doutrinas, attribuidas a Moysés” - diz o principal historiador judaico - “eram commentados, até aquella época (cerca do anno 800 ante Christo - n. do aut.), inicamente nas rodas dos Aronidas e dos Levitas. Até o proprio decalogo não estava enraizado nos corações do povo; as pedras em que estava gravado, descansavam na Arca da Alliança, como um monumento antiquissimo e sagrado. Na propria Arca via o povo antes um talismão. Foi só o sacerdote magno, Ioiada, que, ao que parece, popularisou entre o povo a essencia do Testamento e, n’essa occasião provavelmente, leu do rôlo contendo os livros de Moysés os capitulos adequados á situação d’aquella época” (1).

Em face da ignorancia das leis de Moysés, em face do facto que “até o proprio decalogo não estava enraizado nos corações do povo”, o povo israelita podia, com toda facilidade, adorar diversos idolos de que os livros sagrados nos fornecem varias provas. O culto das divindades fenicias Baal e da deusa Istar (Astarte), o culto das estrellas importado da Babylonia e, o mais frequente, o culto do touro (bezerro de ouro) egypcio, eram comuns e muito populares em Israel, até a época do captiveiro babylonico. O rei Jeroboam nos apresenta o culto do touro como sendo uma religião antiquissima dos israelitas. Mandou representar Jehovah na imagem de um bezerro novo. ”A maioria do povo não se escandalizou nem um pouco com essa reforma que lhe pareceu, de facto, como reaparecimento de um culto antiquissimo” (2).

O culto de Jehovah no templo, executavam-no só os sacerdotes. O povo não tinha accesso ás ceremonias mysteriosas. Essas ceremonias não eram primitivamente ligadas a nenhum lugar estrictamente definido. O primeiro templo em Silo, nem a barraca posterior no monte Moria, não gozavam do privilegio de exclusividade; foi só o Deuteronomio (621 a. Chr.) que outorgara ao templo de Salomão em Jerusalem o direito de exclusividade. Desde então, os sacrificios pôdem sêr feitos só n’esse templo e, só ahi, Jehovah os recebe. Esse templo torna-se o unico existente e, depois da sua destruição, o unico templo admissivel para Israel

Em torno do culto mysterioso, floresciam a magia e a bruxaria. O rei David achando-se n’uma situação difficil, visita certa ventriloca que, clandestinamente, exercia a bruxaria. Salomão era tido como possuindo poder sobre espiritos mysteriosos e demonios que, ao seu signal, se reuniam ou se dispersaval. Depois de encontrada a nova lei revelada, o chamado Deuteronomio, o rei Josias se dirige á... prophetiza Hulda, esposa de um dignitario da côrte, Shalum, e esta lhe garante a authenticidade do livro bem como das indicações e das prophecias n’elle contidas.

A predisposição para a magia reina entre os judeus até a presente época. Acompanha-a a predisposição para as profissões baseadas sobre sciencias occultas. Os magos da antiguidade são substituidos por astrologos, alchimicos e medicos na edade media, por sociologos, religiosos, theoricos de economia politica em tempos mais recentes e por occultistas, theosophos e espiritas na actualidade.

Um papel que não encontramos alhures, desempenham entre o povo judaico varões chamados prophetas.

“No estado israelita existia um olho que possuia a capacidade de penetrar por entre trevas artificiaes e por entre consciencias que, em altos brados, apontava os erros ao peccador,

nem que este fosse rei. O prophetismo foi esse olho prescrutador e implacavel, essa consciencia vigilante” (3).

Os prophetas eram, pois, uma instituição mandataria que, de accordo com as idéas actuaes, era um poder extra-legal. Appareciam de fóra, em nome de Deus e, como apoio ás suas exigencias, dispunham apenas da propria força ou, quando muito, da força dos seus adeptos. Seguidamente apparecem n’esse papel homens cujos nomes não nos legaram os livros. Certo “propheta desconhecido” prevenira a Salomão que este, continuando a tolerar a idolatria, arriscava a perda do throno. Ieroboam no Egypto, após a morte de Salomão, resolve voltar á patria para executar as suas pretensões ambiciosas, aprovadas por “certo propheta”.

“A maioria dos prophetas surgia das trevas e volvia ás trevas, sem deixar um vestigio da sua personalidade” (4).

Mercê á popularisação do prophetismo, no periodo das primeiras guerras com a Assyria, Jerusalem era um verdadeiro viveiro de “falsos prophetas”. Esses pseudoprophetas procedem, aparentemente, da mesma maneira que os legitimos : allegam revelações e fornecem conselhos aos poderosos. Depois da morte de Iosias, pregam o culto de divindades pagãs e encontram apoio entre a casta sacerdotal, isto é, entre os Aronidas. Jeremias é perseguido pelo odio dos falsos prophetas, devido ás suas prophecias que annunciavam a destruição de Jerusalem.

Durante a evolução posterior do judaismo, após a destruição de Jerusalem por Tito, os prophetas são substituidos por “messias” e os falsos prophetas por “falsos messias” que, tambem, são chamados de “pios charlatães”.

Os prophetas encarregavam-se muitas vezes de missões politicas : assim p. ex. Jeremias, em contrario aos seus predecessores, não pregava a um circulo reduzido de eruditos, mas ao povo em geral. Elle pertence “politicamente ao partido babilonio” (5). Jeremias affirma que o poder dos babilonios sobre Israel é uma decisão de Deus. Certo Shemaia Nachhami, em carta, accusa-o de trahição, visto que Jeremias aconselha os exilados, levados antes pelos assyrios, a fixarem residencia na Babylonia. Posteriormente, durante o cerco de Jerusalem por Nabukhadnezar, dirige-se ás massas com as seguintes palavras : “Quem permanecer na cidade, perecerá pelo gladio, pela fome e pela peste, mas quem se passar para os caldeus, salvará a vida, porquanto a cidade cahirá irremediavelmente e ficará presa das chammass”.

Com effeito, depois da conquista e da destruição de Jerusalem, Nabukhadnezar concebe a idéa de nomear a Jeremias conselheiro, junto a Guedalia, governador do recém creado estado feudal de Judéa. Os prisioneiros judaicos o amaldiçoavam. “Ai de mim, oh mãe, que me pariste a mim, homem dos odios e das rixas do mundo. Nem emprestei nem pedi emprestado, entretanto todos me estão amaldiçoando”.

O que fazer ? aceitar a proposta de Nabukhadnezar ? Foi então que appareceu a Jeremias um sonho prophetico que lhe ordenou permanecer no paiz ao lado de Guedalia.

Depois, dirige-se ao Egypto, onde aconselha os numerosos fugitivos judaicos permanecerem no lugar e não voltarem ao seu paiz.

O unico consolo que sahira da bocca de Jeremias, foi a prophecia que, decorridos setenta annos, os judeus voltariam da Babylonia e reconstruiriam o templo. Esta prophecia se realisou, assim como as anteriores que diziam respeito á destruição de Jerusalem. Eis que Cyro , rei dos persas, após têr conquistado a Babylonia, permittiu aos judeus voltassem para a sua patria.

“Acaso foi o impulso de um capricho momentaneo ? Talvez tivesse sido, de facto, algum judeu circunciso, conforme constou nos tempos posteriores, que revelara ao victorioso rei persa a predicção de um propheta judaico sobre a vinda de Cyro, sobre suas victoria e que o vencedor permittiria ao povo exilado voltar á sua terra natal” (6).

Assim foi que, até depois da morte de Jeremias, as suas prophcias, conforme suppõe o sr. Graetz, foram aproveitadas politicamente.

A actividade dos sacerdotes evolúe no fundamento de sociedades secretas. Após a destruição do templo em Silo, apparecem em Jerusalem os Levitas e formam uma especie de irmandade. A eleição de Saúl para rei, effectúa-se de uma maneira tão secreta, que os philisteus não conseguem conhecê-la. A uncção de David para rei é celebrada numa roda muito reduzida e é guardada em segredo. Seu reinado é seguidamente inquietado por conspirações contra a sua pessoa; também seu filho, Adonias, forja intrigas contra o pae : convida seus partidarios a um banquete, junto á nascente de Roguel, durante o qual os iniciados gritavam : “Viva o rei Adonias!”

Os prophetas, também se apoiavam em sociedades secretas: o propheta Elias organisa uma irmandade que sustentava a “lareira sagrada da antiga doutrina” e, de accordo com as necessidades, “lavrava o seu protesto publico ou particular contra as iniquidades”. Depois da morte de Elias, quem chefia a “escola de prophetas”, é Eliseu. Depois, é o propheta Iesaias quem continúa a mesma actividade “com o fim de se cercar por um grupo de homens movidos pelas mesmas idéas.”

Os adeptos de Iesaias são chamados de “meigos” ou de “soffredores no paiz”. Essas sociedades duram mais que seu organisador e constituem um apoio para os prophetas que enfrentam os reis e os sacerdotes. Os discipulos de Iesaias adoptam posteriormente o nome de “homens de Hiskias”, visto que este rei lhes dispensava a sua protecção. Depois, surge uma organização mais vasta, os “discipulos de Deus” ou os “Anavitas” que a si proprios chamavam de “communa dos que andam por via recta”. Foi um braço forte na lucta dos prophetas com a autoridade official que, então, adorava divindades estrangeiras...

Na época do contacto dos judeus com a Assyria e com a Babylonia, apparece uma nova associação secreta, a “Associação dos pios” (chassidim). São elles que, após a morte do rei Manassés, assassinaram a Amomn. O seu verdadeiro papel desempenharam-no os “pios”, só depois do regresso do captiveiro babylonio.

Entretanto, alguns dos prophetas são cercados por uma rêde. Iesaias percebe que o estado judaico não se pôde medir com a Assyria e “queria levantar a sua voz poderosa contra isso, mas não lhe o foi permittido. Os chefes do governo (quem foram ? - n. do aut.) fecharam a bocca ao propheta; abafaram a liberdade da palavra receiando que o rei e o povo não percebessem a duplicidade dos conselheiros e os perigos que estes, com seu procedimento, podiam arrastar sobre o paiz. Iesaias via claramente que a esperanza depositada no auxilio do Egypto, tornar-se-ia illusoria e que a Assyria esmagaria a minuscula Judéa; porém, mandaram-no ficar calado” (7).

Portanto, Iesaias ficava n’um estado de dependencia, estado esse occulto ao rei e ao povo, perante uns “chefes do governo”. É logico que os taes chefes - era a direcção de uma organização secreta de que fazia parte o proprio propheta. Esteve em opposição, combatia as concepções politicas da organização dentro d’ella, comtudo, exteriormente, “mandaram-no ficar calado”.

Em taes condições, no meio de agrupamentos secretos, sob uma direcção occulta, evoluia Israel, ainda antes do captiveiro babylonio. Ao clarão d’esta luz que podemos comprehender o sentido real da phrase enigmatica do propheta Zacharias : “Deus instituiu

um pastor para o povo e deu-lhe duas varas das quaes uma chama-se graça e a outra - organização”. Eis aquelle propheta-pastor que contem seu povo em ordem pela graça, isto é, pela força das revoluções de que possúe o dom e pela organização, isto é, pelas sociedades secretas.

Entre os associados, portanto os iniciados, e o povo em geral, apparecia uma divisa, cada vez mais distincta e maior. Favorecia esta circumstancia o facto que, durante o periodo ante-babylonio, appareceu na Judéa a escripta popular, ao lado de outra escripta, antiga accessivel somente a poucos eleitos, como na China. A plebe sabia as verdades, só quando o queriam os “chefes”.

Já foi mencionado o occultamento da lei de Moysés perante o povo e a publicação parcial de seus preceitos pelo sacerdote magno, Ioiada. Muito depois, no anno 621 antes de Christo, o sacerdote magno, Hilkias, encontra no templo o Deuteronomio, isto é, uma duplicata do livro das leis que apresenta ao rei Iosias. Só esse livro que garantia ao templo de Jerusalem o privilegio de exclusividade. O sacerdote magno ameaça com pragas, caso o rei e o povo não acceitarem o livro e não se corrigirem, obedecendo á sua voz. O rei, conforme já sabemos, consultou a prophetiza Hulda; portanto(o poder tinham-no nas mãos “chefes do governo” que desconhecemos. Quando os prophetas tinham accesso a essas rodas dirigentes, formavam n’ellas a opposição. Preparavam modificações, até revoluções, luctando contra aquelles que, ás vezes, lhes “mandavam ficar calados”. Em sua actividade, sahiam para fora e dirigiam-se directamente aos reis ou, até como Jeremias, ao povo. Em guisa de auxilio, recorriam ás “escolas de prophetas” e ás “irmandades”.

Só conhecendo essas circumstancias que podemos comprehender o apparecimento de “falsos prophetas”. Com quanta facilidade podia alguem, em presença do rei ou do povo, apresentar-se como propheta, como pessoa iniciada nas rodas dirigentes e exigir a execução dos seus propositos! Tanto o rei, como o povo, habituados ao facto que eram governados por uns invisiveis, podiam sem objecção alguma, obedecer á ordem autoritaria de qualquer charlatão.

N’um ambiente de mysterios, qualquer um pôde alcançar o poder e, de facto, o alcançava varias vezes, apesar do desespero dos verdadeiros prophetas.

Essa relação entre os dirigentes occultos e o poder official, perdurou entre os judeus por todos os tempos. A dupla destruição de Jerusalem intensificou, mais ainda, essa solidariedade secreta.

(1) Prof. dr. H. Graetz: A historia dos judeus, vol I, pag 122.

(2) Prof. dr. H Graetz: A hisporia dos judeus, vol I, pag 99.

(3) H.Graetz: A historia dos judeus, vol I, pag. 62.

(4) H.Graetz: A historia dos judeus, vol I, pag. 62.

(5) Dr. Majer Balaban: A historia e a literatura judaicas, vol I, pag 55.

(6) H. Graetz: A historia dos judeus, vol II, pag. 25.

(7) H. Graetz: A historia dos judeus, vol I, pag. 170

IV AS REFORMAS DE EZDRAS E NEHEMIAS

Em Babylonia, os judeus encontraram condições de vida soffríveis; tambem não foram elles os primeiros que, ali, se estabeleceram, pois, nos ultimos setenta annos anteriores, foram os assyrios que já tinham localizado n’aquella região muitos milhares de seus patricios. A queda do estado assyrio e a tomada de Ninive em 606 a. Chr. pelos babylonios e pelos medas, foram, no começo, acolhidos pelos judeus com grande jubilo; foram os

acontecimentos posteriores que acabaram com a destruição de Jerusalem por Nabukhadnezar da Babilônia (586 a. Chr.) e que transformaram os judeus em inimigos declarados da Babilônia. Cem mil judeus foram arrastados por Nabukhadnezar para Babilônia, outros milhares de emigrantes tomaram espontaneamente o rumo do Egypto.

A attitude dos exilados babilônios foi mais de que transigente e pacífica: abraçam em massas a religião chaldéa; uma parte o faz sem hesitações, os restantes o fazem apenas exteriormente. Entre os adoradores de ídolos caldeus, não faltam membros da casta sacerdotal, Aronidas e Levitas.

A adesão simulada a religiões pagãs, já teve os seus precedentes em Israel: durante o reinado da rainha Izabel em Samaria, capital do estado israelita, a casa real pregava o culto de Baal e exercia pressão sobre o povo, de forma que uma parte do povo “adorava a Baal abertamente e a Jehovah secretamente” (1).

Também no estado de Judéa, na sua capital, Jerusalem, nos tempos do rei Manassés, são os Aronidas que, embora com pouca vontade, estão exercendo as funções de sacerdotes do culto pagão. Assim aconteceu que o paganismo encontrou entre Israel no exílio, um campo fértil e preparado.

O vencedor tratou os exilados com brandura: concedeu aos judeus a permissão de morarem juntos e de conservarem sua antiga organização, até, admitiu-os á côrte onde exerciam altos cargos. Os judeus, pois, procediam com todas as precauções para não se manifestarem abertamente contra o estado e contra a casa real, porém continuavam trabalhando clandestinamente. Outra vez, estão em actividade agrupamentos secretos (os “Zeladores do Verbo Divino”, os “Pesquisadores de Deus”, os “Soffredores”). Estes agrupamentos constituíam o núcleo do povo e estavam sendo perseguidos pelos babilônios, ao passo que as massas populares que se assemelharam aparentemente, gozavam de suas liberdades. Foi entre esses agrupamentos secretos que se recrutavam os pouco numerosos que, nos tempos de Cyro, voltaram a Jerusalem.

Esse núcleo de Israel no exílio é animado com a idéa de regresso á patria e de reconstrução do templo. D’esses núcleos secretos é que surgem idéas reformadoras que deviam, brevemente, impregnar em Israel uma marca sui generis que o diferenciava de todos os demais povos. Já no exílio, são reformados os métodos de ensino ministrado aos adeptos e fica estabelecido um novo plano de organização para o culto e para o sacerdocio. Dedicam-se grandes esforços á educação da mocidade, para submettel-a ao novo modo de pensar. O trabalho subterrâneo está fervendo.

A conquista da Babilônia por Cyro da Persia (539 a. Chr.), offerece aos judeus a faculdade de regresso á Palestina. No momento de entrada do novo vencedor dentro dos muros da Babilônia, todo o povo judaico, como si fosse sob o effeito de uma vara magica, repudia os ídolos pagãos e volta a Jehovah. Comtudo, são poucos os que consentem em volver á patria: ha muito tempo que fixaram residencia em Babilônia e nenhuma razão de queixa podem apresentar. Varios d’entre elles são descendentes de emigrantes espondaneos que chegaram á Babilônia seculos atrás. A emigração judaica pára nos tempos de maior florescencia do reino judaico, Israel orgulhava-se com prophetas que pregavam sua doutrina dentro dos muros de Niniva e Babilônia.

O regresso á Palestina abrange, pois, um numero restricto de voluntarios: os demais, financiam a empresa. A colonisação da antiga patria encontra extranhas difficuldades: é obrigada a proceder á expropriação da população local e tem de tomar todas as precauções possiveis para que os colonos não se confundam n’uma só raça com os autochtonos.

Recorrem a Cyro que baixa um decreto ordenando que todas as tribus cedam o seu lugar aos israelitas.

São apenas quarenta mil os judeus que regressam à Palestina. Cyro nomeia governador a Zerubabel, um judeu. E, então, fica bem patente que os judeus, mesmo nos tempos idos, constituíam apenas a camada superior da população, pois em toda parte os colonisadores esbarram contra o odio popular; chegaram novamente desempenhando o papel de senhores; tiram violentamente as terras aos antigos proprietários e empurram a população local para a posição de seus servos. Reconstroem o templo de Salomão, com o auxilio de importante subvenção do thesouro persa.

O regresso à Palestina revaloriza vivamente as condições em que, actualmente, está se effectuando a colonisação da Terra Santa. A declaração de Cyro que foi promulgada a cerca de 2.500 annos e a declaração contemporanea de lord Balfour; o governador persa Zerubabel, e o governador inglez, “sir” Herbert Samuel (judeu); a attitude n’aquella época da população local e a attitude actual dos arabes; o financiamento da colonisação por Babylonia e o financiamento por Nova York, até, ataques a mão armada contra os novos colonos n’aquella época e os ataques dos arabes de hoje... Quem dirá que a historia não se repete ?

Os samaritanos desesperados bradam ás armas, tomam á força Jerusalem, destróem a cidade recém reconstruida e é só a intervenção da côrte persa que consegue salvar os colonos da oppressão em que se achavam.

Com respeito á população autochtona, é adoptada a politica de exterminio. Já o Deuteronomio ensinava: “O que fôr carniça, não deveis comel-o; ao adventicio que estiver entre os teus muros, offereça para que coma ou vende-lhe, porque tu és o povo sagrado do teu Deus e Senhor”. (Deut. XXIII - 19).

O povo “sagrado” isola-se dos extranhos e nem admitte á sua convivencia os que querem adorar a Jehovah. Quando os samaritanos pedem serem incluídos na communhão judaica, recebem uma recusa aspera: não ha lugar para elles entre os adeptos do Testamento. Nega-se-lhes até o direito de participarem na reconstrucção do templo.

A divisa é de “isolação do Testamento”. O maior cuidado dos dirigentes de Israel consiste em prender o judaismo em moldes de organização tão poderosos, que nenhum extranho possa penetrar dentro. Eis o real sentido das reformas de Ezdras e de Nehemias. Os methodos d’esses dirigentes impregnaram ao judaismo o seu caracter para muitos seculos e Israel de hoje é um producto de sua obra.

Ao saber as difficuldades internas e externas que encontraram os colonos judaicos na Palestina, chega de Babylonia Ezdras (Ezra) acompanhado de alguns milhares de voluntarios “unidos a elle pela communhão do pensamento”. Ezdras é descendente de sacerdotes magnos: um dos seus ascendentes, o sacerdote magno Hilkias, foi o que, em tempos idos, encontrara no templo o codigo deuteronomico. Ezdras deseja “a realisação do Testamento” e resolve “buscar o Testamento do esconderijo”. Já na Babylonia, os que não pretendiam regressar á patria, isolaram-se por meio de um muro espiritual, dos demais habitantes. Contrahiam matrimonios, exclusivamente entre elles e esforçavam-se de conservar um cunho differente ao dos outros. Ezdras foi, entre elles, “mestre do Testamento” e foi com o auxilio de seus adeptos que levava a cabo a sua expedição á Palestina. Era a segunda onda colonisadora que ia salvar as conquistas ameaçadas da primeira.

Sua primeira deliberação na Palestina, foi a de proibir terminantemente os matrimonios mixtos entre judeus e a população local. Aos olhos de Ezdras, constituíam estes um crime, poquanto os israelitas deviam constituir “a semente sagrada”.

“Juremos” - verberava - “que abandonaremos as mulheres estrangeiras e que separaremos da communhão os filhos que nasceram d’ellas!” E foi posta em execução a exigencia de Ezdras: os judeus fanatisados expulsaram as suas mulheres estrangeiras, junto com seus filhos, e escolheram novas esposas dentro da propria raça. Em guisa da resposta, a essa crueldade barbara, veio a tomada e a destruição de Jerusalem pelos samaritanos, facto esse que já foi mencionado. Foi então, depois da derrota dos colonos judaicos, que uma nova individualidade ocorre ao auxilio de Ezdras: é Nehemias, alto dignatario da côrte do rei Artaxerxes e influente conselheiro do monarcha. Consegue do rei uma especie de licença e, munido de plenos poderes da parte de Artaxerxes, apparece na Palestina. Foi já na côrte régia que “aprofundara occultamente a arte de governar, aprendera dirigir os homens pela força da vontade e a subjugar as conjuncturas”. No começo, demóra-se em Jerusalem, sem se trahir que é portador de uma plenipotencia régia, e estuda a situação. Sómente no momento opportuno descobre o seu incognito: procede a uma severa seleção entre a comunidade judaica e, em consequencia, exclúe 642 familias que não conseguiram provar a sua pura descendencia israelita e tira-lhes o direito de cidadania. Tres familias dentre os Aronidas que não puderam encontrar as suas genealogias, são privadas dos privilegios da casta sacerdotal.

As disposições de Nehemias encontraram uma violenta opposição na grande massa popular. Apénas voltara á côrte real, foi obrigado a pedir outra licença e plenipotencias para salvar a sua obra. Na sua segunda apparição na Palestina, desde já lançou mão de medidas radicaes: Depôz do cargo o sacerdote magno, Eliashybe, condemnou ao desterro os Aronidas e outros judeus desobedientes. Regeitou definitivamente os samaritanos que obrigou a se congregarem n’uma seita á parte cujos adeptos edificaram um templo de concurrencia no monte Garizim, onde, durante alguns seculos, se dedicavam ao culto de Jehovah, independentemente dos dirigentes do judaismo. Perseguiu-os o odio de Israel, até que, finalmente, no segundo seculo antes de Christo, João Hyckan, principe da estirpe dos Machabeus, apodera-se da capital da Samaria, Sichem, e destróe o templo do monte Garizim.

Toda a obra de reconstrucção da “Nova Jerusalem” está se effectuando mediante vasto apoio fornecido pelas sociedades secretas. O pivot das reformas de Ezdras e de Nehemias formam os “pios” (chassidim). São elles que, por occasião do perigo que correram as primeiras reformas de Nehemias, o chamam com urgencia da côrte regia á Palestina.

Em nova Jerusalem, não ha mais prophetas. Desde a época de fixação das reformas de Nehemias, substituem-nos os “doutos” ou os “conhecedores da Lei” (Solferim).

“Um estimulo invisivel que, entretanto, penetrava ao fundo, foi o resultado da sua actividade, de forma que gravara nos descendentes dos patriarchas uma marca tão nitida que esta tornou-se quasi seu caracteristico innato: a pretensão ás pesquisas, o esforço do espirito - para descobrir em cada coisa, em cada palavra, um sentido occulto” (2).

“Levantar uma cerca em torno do Testamento” - esta foi a divisa, isto é, isolar ermeticamente o Testamento dos extranhos e continuar a sua construcção interior de forma hierarchica, dividil-a por escalas de iniciação. Instituir, a par dos poderes leigo e espiritual (governador ou principe e o sacerdote magno), um terceiro poder sobreposto aquelles e occulto, sob a forma de “doutos em Testamento” e de uma direcção invisivel. Em

momentos oportunos, vinha a revelação das partes secundarias d'esse poder perante o povo.

Assim, como resultado das reformas de Nehemias, apparece o “Supremo Conselho” composto de 71 membros. A maioria d'essa assembléa é de “doutos”. D'essa instituição provem, depois, o “Synhedrion”, como symbolo da unidade interior do judaismo.

N'esse estado de solidificação encontra os israelitas a invasão de Alexandre Macedonio. A derrota da Persia, tão benevolente para com os judeus, nada os commove e permite-lhes preparar uma recepção entusiastica ao novo vencedor. O sacerdote magno faz uma promessa solemne ao triumphador que todo menino israelita nascido no anno da sua entrada em Jerusalem, receberá o nome de Alexandre. O monarcha, commovido, poupa os judeus e dirige a sua ira contra os samaritanos.

“Visto que não poude deixar de saber serem inimigos dos judeus, manifestou a sua sympathia a estes, para frizar o seu desprezo para com aquelles” (3).

Portanto o primeiro contacto official entre o judaismo e o hellenismo, foi amigavel. O conquistador da Asia, o vencedor do reino persa, nenhum odio nutriu contra os pupillos do estado derrotado e Dario, perseguido por Alexandre, podia reflectir durante sua triste fuga, sobre o problema, porque a gratidão dos judeus pela “declaração de Cyro não sobreviveu, nem uma hora, á magnificencia da casa real persa. Não sabia, o coitado, que seu antecessor, aquelle magnifico Cyro, não era aos olhos dos judeus um monarcha bondoso, mas, apénas, um desprezível instrumento de Jehovah”.

(1) H. Graetz: A historia dos judeus, vol I, pag. 105

(2) H. Graetz: A historia dos judeus, vol II, pag. 60.

(3) H. Graetz: A historia dos judeus, vol II, pag. 73.

V SOB O PODER DO EGYPTO E DA SYRIA

Após o desmembramento do imperio de Alexandre Magno em tres estados independentes: a Macedonia, o Egypto e a Syria, os judeus na Palestina passaram sob o poder do Egypto. É um periodo em que, pela primeira vez, o hellenismo encontra-se com o judaismo em todas as manifestações da vida. Esse encontro é descripto de uma maneira pittoresca e magistral na obra do Prof. Thadeu Zielinski: “O hellenismo e o judaismo”.

Na côrte dos Ptolomeus em Alexandria, os judeus são muito bem vistos, são conselheiros intimos dos reis, não são preteridos na distribuição das dignidades da côrte e dos demais favores. O periodo do poder Egypcio (323 - 201 a. Chr.), accentúa-se por uma hellenisação, mais ou menos superficial, da Palestina e, até, da propria Jerusalem. Quem dicta agora o tom á vida espiritual do judaismo, são as influencias invisiveis dos agrupamentos organizados na emigração. A bem dizer, desde a morte de Nehemias, os estímulos para o sustento de Erec Israel (lar nacional) vêm da Babylonia; é a conhecida tendencia do “isolamento”. O segundo importante agrupamento judaico forma-se em Alexandria. Este representa a tendencia hellenistica, portanto a tendencia de uma assemelhação, mais ou menos apparente, á civilisação grega.

Jerusalem é o ponto, onde estão em lucta as duas tendencias.

O hellenismo percebe-se de longe, o judaismo está minando por baixo. O hellenismo traz consigo a equiparação politica com a população macedonia do estado egypcio; em Alexandria, os Ptolomeus equiparam em direitos a população judaica á população

dominante. D'ali, os judeus se dispersam pelas outras cidades do Egypto e chegam a constituir maioria nas cidades costeiras da Cyrenaica (actual Tripolitania).

No estado syrio, sob cujo poder caiu a Babylonia, os judeus tambem conseguem a totalidade de direitos civis; da Babylonia, elles se dispersam pelas cidades fundadas pela dynastia dos Seleucidas e, entre outros, dão inicio a um grande agrupamento judaico em Antiochia.

Entre os judeus reina o bem estar. O commercio não constitúe para elles uma novidade. Já o rei Salomão adquirira as suas riquezas por meio do commercio, tendo conseguido a posição de intermediario no commercio de cavallos entre o Egypto que os creava e os estados asiaticos. No estado israelita (o chamado das dez gerações), os ricos viviam da usura, principalmente da usura de cereaes. “Nos annos de fome, abriam os seus celleiros, vendiam viveres - a que applicavam medidas falsas e pesos falsos - e, quando os pobres não podiam reembolsar o emprestimo, tiravam-lhes os filhos” (1).

Então, no mundo hellenico, essas aptidões encontraram um vasto campo de acção. No Egypto e, depois, na Syria, os judeus arrendavam a arrecadação dos impostos e esfolavam a população. Como personagem caracteristico, apparece um sobrinho do sacerdote magno, Onias, chamado José. Consegue de um modo engenhoso a amisade do rei egypcio, Energuetes, e distancia os demais candidatos ao arrendamento dos impostos, offerecendo um preço duplo. O rei exige-lhe uma garantia a que o astuto judeu responde com arrogancia que dispõe de dois optimos garantes: o rei e a rainha. Essa resposta agradou ao rei que entrega a José a arrecadação das rendas de todas as cidades e de duas provincias: a Cyrenaica e a Phenicia.

Os impostos estavam sendo arrecadados por José com a maxima severidade. Em Gaza e em Scytopolis cuja população grega teve a ousadia de se lhe oppôr e dirigir-lhe palavras offensivas, mandou decapitar os principaes e os mais ricos cidadãos” (2).

D'esta maneira, adquirira riquezas incalculaveis. “José tirou de todo o Eglyppo as carnes e deixou-lhe só os ossos” - era, então, o dictado popular.

Dos productos d'esses saques cahiu sobre a Judéa uma chuva de ouro. Para os cargos de auxiliares, escolhia José exclusivamente judeus. Das provincias ficaram só os ossos, mas com essas riquezas o povo israelita nadava em ouro. Póde-se affirmar textualmente que sua prosperidade financeira, agradecia-a, a Palestina, a José que explorava implacavelmente os gregos em favor dos seus patricios. Em compensação, quando nas guerras entre o estado Syrio e o Egypto, a balança começou a inclinar-se para o lado dos Seleucidas, os filhos do mesmo José, esqueceram-se da gratidão para com a casa dos Ptolomeus á qual toda a Judéa devia as suas riquezas, e organisaram um partido favoravel aos Seleucidas. Logo depois, em 202 a. Chr. a Judéa passou ao dominio syrio e, cerca de 200 a. c., o proprio rei Antiocho occupou Jerusalem, sendo cumprimentado pelo Suppemo Conselho.

Antiocho outorgou aos judeus varios direitos civis e politicos. Na Asia Menor, protegeu a colonisação judaica e é dos seus tempos que datam as grandes agglomerações de judeus em Epheso, Sardes e Pergamo.

A hellenisação, isto é, a assimillação dos judeus fazia grandes progressos.

Para a lucta contra a hellenisação, aprestaram-se na Palestina as mesmas sociedades secretas. A “sociedade dos pios” (Chassidim) renovou sua actividade: perseguia os hellenistas (assimilladores) dizendo-os “violadores da Lei e trahidores da Alliança”. Dispunha da maioria na direcção da comunidade de Jerusalem e aproveitava todas as occasiões para vociferar contra os hellenistas. Com horror viam os “Chassidim” numerosos

judeus apparecerem nús nos jogos entre os gregos e, afim de apagarem os vestigios de sua origem, submetterem seu corpo a uma operação delicada e dolorida.

O enriquecimento dos judeus, devido aos saques de José e o desprezível exclusivismo dos “Chassidim” contribuíram indubitavelmente para a origem do antisemitismo entre os gregos. Quando os judeus assimiladores conseguiram, com o apoio de Antiocho, o Magnifico, elevar á dignidade de sacerdote magno a Onias Menelau que não pertencia á casta dos Aronidas, o facto causou escandalo entre os “pios”. Accusaram o novo sacerdote deante do rei, como saqueador do templo. Essa accusação foi confirmada em Antiochia pelo sacerdote precedente, o “pio” Onias III.

Subitamente, Onias III cahe morto por ordem do logar-tenente regio, Andronico. Como causador d’essa morte, os “pios” accusam, novamente, o sacerdote magno que não pertencia ao grupo d’elles. Em Jerusalem, a plebe ataca os gregophilos e lyncha-os a pedradas e pauladas. Antiocho convida os dois partidos a comparecerem perante elle em Tyro e, depois de ouvil-os condemna á morte tres representantes dos “pios”, como calumniadores.

Entrementes, surge a guerra entre a Syria e o Egypto. Antiocho toma de assalto Alexandria e move as suas tropas para o interior do paiz. Os “pios” acompanhavam as peripecias da guerra com ansiedade; a côrte egypcia lhes era francamente favoravel e sua victoria lhes podia restituir o leme da náu patria. De repente, espalha-se por Jerusalem a noticia da morte de Antiocho no campo de batalha. Sem a minima hesitação, os “pios”, sob o commando do sacerdote magno, recentemente por elles nomeado, Jazão, investem contra a cidade e apoderam-se d’ella.

No emtanto, a noticia da derrota e morte de Antiocho resultou ser falsa. Antiocho, na volta do Egypto, invade Jerusalem e não poupa nem o templo.

É nesse momento que se espalha entre os gregos o boato de têr elle encontrado no interior do templo um grego algemado que lhe relatou terem os judeus o costume de sangrarem todos os annos um grego e de lhe comerem as entranhas. Foi esta a origem e o prototypo das lendas medievaes sobre o assassinato ritual.

O antisemitismo entre os gregos já estava, então, plenamente desenvolvido. Em Alexandria, como reacção contra o grande agrupamento judaico, appareceu toda uma litteratura antijudaica. Certo Manethos, tendo lido o livro do Exodo, escreveu uma paraphrase d’esse livro e attribuiu aos israelitas a ascendencia dos egypcios leprosos que estavam isolados nas minas de pedras, por ordem do Pharaó. Esta affirmação foi favoravelmente commentada, tambem em épocas posteriores.

Os successos de Antiocho no Egypto foram inesperadamente postos em cheque pelos romanos. Sob a ameaça de intervenção do Senado romano, Antiocho teve de se humilhar e retirar do Egypto. Essa humilhação do rei repercutiu com jubilo entre os “pios”. “Talvez tivessem declarado muito alto que seu Deus que abaixa os soberbos, lhe tinha preparado essa humilhação” (3). Talvez tivessem exprimido de viva voz o seu jubilo ? Fosse, como fosse, um dos commandantes militares de Antiocho, Appolonio, fez á frente da sua soldadesca, num sabbado, uma verdadeira chacina em Jerusalem.

Começou, por ordem do rei, a perseguição aos judeus. Antiocho prohibira até a circumcisão, o festejar dos sabbados e a abstenção da carne de porco. Mandou divulgar por todo o reino que a religião de Moysés pregava o odio contra todos os povos estranhos e que seu culto era prohibido.

A prohibição produziu effeito nas cidades da Phenicia e da Syria, onde os judeus, de uma maneira já experimentada, ”abaixaram as cabeças, levaram a deuses gregos offertas

simuladas, occultaram a execução das prescrições do Testamento e até renegaram sua religião” (4),

Na Palestina, os “pios” organizaram uma guerrilha contra as tropas syrias; esses grupos armados foram exterminados pelo ferro.

Entretanto, os “pios” não esmoreciam e continuavam a sua actividade. Á frente do movimento apparece Matatias, da estirpe dos Machabeus ou Hasmoneus, e inicia uma guerra irregular: ataca de emboscada destacamentos syrios e - onde isso é possível - assignala violentamente nos meninos judaicos o symbolo da Alliança.

Entre os judeus, uma mão invisivel espalhava n’essa época dois livros de character measianico: o livro de Esther e o de Daniel. O livro de Daniel sahiu das rodas dos “Chassidim” e prophetisava a queda do reino syrio bem como a transferencia do poder para a “nação dos santos” á qual prestariam homenagem todos os reis do mundo. Esse seria o “reino dos santos” (judeus). Coisa digna de nota: foi o mesmo livro de Daniel que, no seculo XVI, tornou-se fonte de inspiração para os movimentos communistas e revolucionarios.

A insurreição dos Machabeus crescia cada vez mais, favorecida pela contaminação do reino syrio e pelas invasões de visinhos nas possessões de Antiocho. Os Machabeus apoderaram-se, gradativamente, de todo o paiz e, afinal, conseguiram tomar Jerusalem. Na mesma época morreu Antiocho, o Magnifico, “em circumstancias estranhas” (5).

Por muitos annos ainda, prolongou-se a guerra contra as tropas syrias, porém, terminou pela victoria dos Machabeus. Todavia, estes cuidavam demasiadamente do poder leigo e indignaram contra si os “pios”. Essa desintelligencia foi a causa do fracasso final da insurreição e da segunda conquista da Palestina pelos monarchas syrios.

No anno 159 a. C., os chefes do partido militar (Machabeus) aproveitaram a situação que lhes era favoravel e renovaram o levante. Graças ás intrigas em torno do throno syrio de que participaram tambem os romanos, os revolucionarios conseguiram appoderar-se de Jerusalem, d’essa vez, definitivamente. Alguns annos depois, (141 a. C.), cahiu tambem a fortaleza dos hellenophilos, Akra. Desde então, consolida-se o governo dos Machabeus: Simão, o Hasmoneu, foi investido do cargo de sacerdote magno hereditario e de chefe da nação (nassi). Esta segunda dignidade perdurou em Jerusalem durante seculos e encontramol-a, até nos tempos modernos, apesar de perda da independencia politica.

Na estirpe dos Hasmoneus, o poder leigo foi unido ao espiritual. Além d’estes dois poderes, existia, comtudo, um terceiro, collocado acima dos dois precedentes.

Ainda na época do levante dos Machabeus, exerce a sua actividade o nosso já conhecido “Supremo Conselho” composto de “doutos”. É uma emanação exterior da sociedade dos “pios” ou, por outra, dos seus dirigentes. Já n’aquelle tempo, o conselho adopta o nome de “Synhedrion”. Dentro do Synhedrion, luctam entre si dois partidos, ambos orthodoxos: os Saduceus e os Phariseus. Essa lucta sobreviveu ao periodo governamental dos principes Hasmoneus.

Os Saduceus eram adeptos fervorosos do Testamento, porém eram de parecer que deviam sêr tomadas em consideração as necessidades politicas. Os Phariseus, pertencendo aos “pios”, consideravam o Testamento a unica escola pela qual se devia pautar a actividade politica. Além d’estes, um outro grupo, a ala mais radical dos “pios”, afastou-se completamente da vida politica e fundou a organização dos Essenios.

“Os primeiros nucleos (communistas - n. do aut.) surgiram no Oriente, então mais adeantado economicamente, mórmente entre os judeus, entre os quaes encontramos, já

cerca do anno 100 a. C., uma associação communista secreta, a associação dos Essenios” (6).

Foi, portanto, a primeira cellula do movimento communista e, o que não se deve perder de vista, organizada por judeus, os mais fervorosos entre os “pios” (Chassidim).

O governo dos principes Hasmoneus - foi a renascença economica do judaismo após o periodo syrio; começou a expansão para o exterior. Na Palestina, continúa o estado de ”isolamento”; em compensação, fóra das suas divisas, o judaismo exerce uma tal irradiação, que surgem numerosos grupos de proselytos gregos do judaismo.

Alexandria torna-se o principal nucleo judaico no estrangeiro. Ao que consta, o numero de judeus no Egypto n’aquella época, montava a um milhão de cabeças. Entre os cinco quarteirões de Alexandria, dois estavam occupados por israelitas. Localizados no delta do Nilo, dedicavam-se ao commercio de além mar; negociavam principalmente com cereaes e penetravam até Roma, onde crescia cada vez mais a colonia de commerciantes e banqueiros judaicos.

ulguei convenientes.

Os reis do Egypto concederam aos judeus a equiparação politica e uma vasta autonomia. Chefe dos judeus, era o etnarcha munido de poder administrativo e judicial. É o primeiro exemplo de poder judicial autonomo concedido aos judeus nos paizes de dispersão (diaspora) - que se tornou, depois, na idade media, privilegio essencial.

O etnarcha accumulava tambem a administração do quarteirão arabe e tinha o nome de “arabarcha”.

Nos arredores de Memphis, sobre as ruinas de um templo egypcio, os judeus edificaram um templo proprio que era subvencionado pelo thesouro real. Esse templo não fazia concorrência ao de Jerusalem, pois a este se reconhecia a primasia incontestavel. Nem assim, porém, os judeus da Palestina deixaram de olhar o templo em Memphis com máus olhos, visto a sua existencia offender a lei deuteronomica.

As colonias judaicas no Egypto contribuiam generosamente para augmentar os thesouros do templo em Jerusalem. O supremo Conselho na Palestina onerou todo judeu, tanto local, como emigrado, com uma contribuição annual a favor d’aquelle thesouro. Em todos os paizes da diaspora foram estabelecidos pontos centraes, para onde deviam sêr dirigidas as contribuições. Só da Asia Menor vinham annualmente 200 libras de ouro, quantidade, para aquella época, enorme.

N’essa contribuição em favor do templo, foi que os romanos basearam depois seu imposto per capita sobre os judeus a favor do templo de Jupiter (fiscus judaicus).

Na época dos Hasmoneus, floresce na Palestina o estudo do Testamento. Mercê dos Phariseus, desenvolve-se a lei tradicional, não incluída no livro Thora, e transladada verbalmente, chamada Halakha. Essa Halakha foi a antecessora do Talmud actual. Ao lado d’essa lei, fazem-se prelecções sobre a Agata; esta é uma doutrina de caracter messianico-politico e é n’ella que se descobre a origem da Kabala judaica.

Tudo parecia augurar a victoria final do Testamento, quando, subitamente, “uma fera com dentes de ferro, garras de cobre e coração de pedra, que muito devia devorar e pizando quanto sobrasse sob as patas malfazejas”; ameaçou a Palestina.

Nas divisas da Judéa...appareceu Roma.

(1) H. Graetz: A historia dos judeus, vol I, pag. 133.

(2) H. Graetz: A historia dos judeus, vol II, pag. 81.

(3) H. Graetz: A historia dos judeus, vol. II, pag. 107.

(4) H. Graetz: A historia dos judeus, vol II, pag. 109.

(5) H. Graetz: A historia dos judeus, vol II, pag. 128.

(6) Karl Kautsky: A historia do communismo na antiguidade e na idade média, pag. 32.

VI ROMA E A DESTRUIÇÃO DE JERUSALEM

Da mesma maneira, como anteriormente o hellenismo, também Roma trata os judeus, no começo, com toda amizade. Já foi mencionado acima que a ordem do Senado Romano obrigou Antiocho, o Magnifico, a retirar suas tropas do Egypto. Depois, o Estado dos Machabets gozou da proteção do Senado Romano. Simão Machabeu expediu uma embaixada a Roma pedindo um pacto de aliança, conseguindo uma declaração do Senado em que os judeus são chamados de aliados (140 a. C.). Sete annos depois, Hyrkan Machabeu novamente manda embaixadores a Roma e consegue um poderoso auxilio contra a Syria (133 a. C.).

A pedido dos proprios judeus, os romanos pela primeira vez se intromettem nos negocios interiores da Judéa. No anno 65 a. C., dois commandantes militares de Pompeu, Scaurus e Gabinus, são subornados por Aristobulo Hasmonéu para intervirem na contenda que este teve, por questões de poder, com seu irmão, Hyrkan. Scaurus recebe dois milhões e Gabinus um milhão e meio, segundo informação que nos forneceu o antigo historiador judaico, José Flavio. Brevemente, ambos os irmãos dirigem-se directamente a Pompeu em pessoa, offerecendo-lhe presentes e pedindo que decidisse a pendencia.

Subito, sem razão plausivel, Aristobulo muda de opinião e ataca as tropas romanas que, momentaneamente, estacionavam na Judéa. Resultado d'essa manobra traiçoeira, foi o prolongado sitio de Jersalem e sua tomada pelas tropas de Pompeu. O vencedor procede com brandura e nem toca nos thesouros do templo (61 a. C.).

Comquanto a Judéa tivesse conservado a sua independencia politica, dahi por deante permanece numa certa dependencia de Roma, já como provincia autonoma romana, sob a administração de governadores judaicos ou procuradores romanos, já como estado quasi independente, sob o governo de reis da dynastia herodiana.

Roma, desde a primeira hora, foi paralyzada no seu proceder para com os judeus, pela influencia d'estes por detraz dos bastidores. Já foi mencionada acima a grande onda de emigração espontanea dos judeus que se espalharam pelo mundo. Dois agrupamentos especialmente, Alexandria e Roma, alcançam, n'essa época, influencia preponderante.

A colonia judaica em Roma surgiu ainda ao tempo em que os romanos não conheciam os judeus da Palestina. Só a tomada de Jerusalem por Pompeu e a apresentação em Roma dos prisioneiros judaicos que abrilhantavam o triumpho, deu ao agrupamento israelita na capital do mundo, uma direcção conveniente. Desde então, sua força e sua importancia augmentam e, brevemente, o celebre Cicero, em sua brilhante oração "pro Flacco", é obrigado a dizer o seguinte, em defeza de Flacco, accusado de como governador da Syria, têr-se apropriado de dinheiro proveniente das subscrições judaicas:

"Surge, afinal, esta gloriosa accusação: o ouro dos judeus. Sem duvida, é por este motivo que a questão é defendida bem ao pé da Escada Aureliana e é por causa d'esta principal accusação que tu, ó Lelio (O accusador - n. do aut.), procuraste este lugar e esta mltidão (auditorio judaico - n. do aut.). Tu bem sabes quão grande é o seu numero, com que solidariedade são unidos entre dlles, quanto são poderosos pelas suas sociedades! Vou fazer a defeza á meia voz, para sêr ouvido só pelos juizes, porquanto não faltam pessoas que possam aqular esses homens contra mim e contra todos os melhores cidadãos, tarefa esta que nenhuma vontade tenho de facilitar. Vendo que, todos os annos, o ouro era

exportado por conta dos judeus, da Italia e de todas as provincias para Jerusalem (contribuição para o templo , n. do aut.), Flacco baixou um decreto proibindo essa exportação da Asia. Quem de vós, juizes, não aprovará este decreto ? Muitas vezes antes e durante o meu consulado principallente, o Senado prohibia exportar o ouro, devido a razões muito sérias. A opposição a um preconceito barbaro, foi da parte de Flacco uma prova de energia e o menosprezo para com esta multidão de judeus, seguidamente tão turbulentos em nossos comicios, no interesse da republica, é signal de grande força de animo, As contas d’esse ouro foram prestadas e o ouro está nos cofres do Thesouro, Não sómos accusados de roubo, mas o que se pretende, é provocar odios...”

É sobre a communa judaica de Roma que se apoia Cezar na sua lucta pela dictadura, visto que está endividado e depende dos banqueiros. Portanto é fiel amigo de Israel durante toda sua vida. Desfechando o primeiro golpe mortal á republica romana, conquista nas azas do judaismo, o seu logar na historia, logar este que, aliás, não corresponde á propaganda exagerada, que lhe foi feita.

Logo que o exercito de Pompeu, sob o commando de Cressus, foi desbaratado na guerra contra os parthas (persas), rebentou uma revolução na Judéa, terminada pela derrota das tropas judaicas. No mesmo tempo, Cezar em Roma restitue a liberdade a Aristobulo Hasmonéu, ao mesmo que, trahçoeiramente, atacara as tropas romanas. Não é de admirar que, na sua lucta com Pompeu, Cezar seja apoiado por todo o judaismo e que o Senado, por sua ordem, reconheça os judeus como amigos e alliados do povo romano. Os judeus alexandrinos recebem de Cezar a confirmação de todas as suas liberdades politicas e de sua propria jurisdicção, sob o governo de arabarcha. Os judeus da Asia Menor conseguem direitos politicos e, mais, o privilegio de liberdade de reuniões, privilegio este negado aos demais habitantes do paiz. A todos os judeus fóra da Palestina, um decreto especial de Cezar concede o direito de exportação do ouro para Jerusalem. Os judeus em Roma, conseguem d’elle o direito de associação e reuniões, comquanto o dictador tirasse esse direito a todos os romanos natos.

Não é de extranhar que “depois da morte do dictador, os judeus romanos não pudessem consolar-se em seu pezar, visto a tal ponto, que, durante noites seguidas, choraram ao pé da sepultura de Cezar (1).

Depois, foi Octavio que se tornou amigo dos judeus, ao passo que seu adversario, Antonio, era considerado inimigo d’elles.

Antonio, ao governar o Oriente, leva ao throno da Judéa a Herodes, representante da orientação helleno-alexandrina entre os judeus. Os “pios” declaram-se em opposição, de forma que Herodes resolve conquistar Jerusalem á mão armada, conauistando-a aos seus patricios.

A circumstancia de haver, com a aprovação dos judeus hellenistas, rebentado um conflito armado em Jerusalem, é significativa: a unica explicação seria a hypothese dos partidos helleno-judaicos receiaram um conflicto armado com Roma a que consideravam loucura e para cuja provocação trabalhavam os “Chassidim”. Propagavam, pois, a meia assemelhação e a tactica de accordos, nutrindo a esperança de poder minar Roma por dentro, ao passo que os “pios”, representados pelos Phariseus, no seu odio fanatico contra todos que não eram judeus, desejavam continuar em “isolar o Testamento” e votavam por uma actividade conspiratorio-revolucionaria. Esse conflicto por causa da tactica, no seio do judaismo, torna-se tão agudo que uma parte obriga a outra pela força a acceitar sua orientação e Herodes apodera-se de Jerusalem à mão armada.

A victoria de Octaviano sobre Antonio, alcançada com o apoio do judaismo, traz aos judeus novas liberdades e privilegios em Alexandria, em Roma e na Asia Menor. Herodes, antes da queda de Antonio, passa-se, naturalmente, com armas e bagagens para o lado do mais forte e consegue de Octaviano a confirmação do seu reino. Passa á memoria o seu governo, devido á magnifica reconstrucção do templo em Jerusalem.

O odio dos Phariseus contra a tactica dos hellenistas chegou a tal grau que, após a morte de Herodes, enviaram a Octaviano uma deputação para lhe pedir que tirasse á Judéa a sua independencia e a incorporasse á Syria, em character de provincia romana, conservando apénas a sua autonomia. Cincoenta dos mais importantes varões da Judéa compunham essa deputação e toda a colonia judaica de Roma apoiou suas exigencias. Apesar d'isso, Octaviano não cedeu e conservou a independencia da Judéa. Seria, porventura, o amor pelos judeus que tanto se enraizou no coração de Octaviano que, contra a vontade d'elles, quiz tornal-os felizes pela conservação de seu estado independente ? Ou seria, talvez, o receio de satisfazer aquelles que pleiteavam a incorporação da Judéa ao imperio romano e, ao mesmo tempo, occultamente, protegiam e fomentavam conspirações e revoltas ?

Entretanto, alguns annos depois, os Phariseus conseguiram realizar seus intentos e a Judéa tornou-se provincia romana (anno 6 dep. de Chr.).

A historia, pois, que Roma tivesse tirado aos judeus sua independencia, não passa de uma lenda. Foi o proprio representante de Roma quem defendeu contra elles, durante alguns annos a independencia da Judéa e a abolição d'esta independencia foi uma concessão feita aos Phariseus.

Com o afastamento da dynastia herodiana, os Phariseus ficaram em condições mais favoraveis para seu trabalho subterraneo. O procurador romano residente em Jerusalem, nem que tivesse as melhores intenções com respeito aos judeus, feria as vistas da população pela sua propria presença. Comquanto a autonomia espiritual e juridica de Israel fosse geralmente respeitada, si bem que os judeus nunca tivessem servido no exercito romano, não poudede deixar de acontecer que, cá ou acolá, não houvesse casos de offensa aos sentimentos nacionaes da população, da parte dos romanos.

O partido herodiano comprehendia perfeitamente a seriedade da situação creada pelos Phariseus e procurava sanal-a. O resultado dos seus esforços foi a elevação ao throno de Jerusalem de Agrippa, em cujas veias corria o sangue dos Hasmoneus (Machabeus) e dos Herodianos. D'este modo, effectuou-se uma especie de compromisso entre os hellenistas e a parte moderada dos "pios" (anno 37 após Christo).

Já dissemos no capitulo precedente que, na politica dos judeus na Palestina, entrechocavam-se os impulsos de dois centros emigratorios: de Alexandria e de Babylonia. Alexandria representava a corrente hellenista (de assemelhação apparente) e sua tactica era a de submissão pacifica á Roma. Os dirigentes do agrupamento alexandrino esperavam, provavelmente, que conseguiriam assenhorar-se da alma do imperio romano penetrando por dentro, mediante influencias politicas e economicas, bem como pela influencia da propria cultura judaica sobre a civilisação grego-romana. Suas esperanças, n'esse sentido, foram coroadas de exitos reaes. Cezar e Octaviano foram presos nas suas rêdes, assim como os sucessores de Cezar, os imperadores romanos, de forma que exerciam uma influencia directa sobre os governos. Si bem que ás vezes, erravam o alvo, porém, em pouco tempo, conseguiam recuperar os prejuizos.

Assim, por exemplo, Tiberio, o successor de Octaviano, baniu os judeus de Roma, por causa de valhacadas escandalosas (o processo de Fulvia no anno 19 após Christo), entretanto, graças á intervenção de certa princeza judaica que tinha vindo a Roma, revogou

brevemente esse decreto. Nos tempos de Caligula, Agrippa, ao receber o throno de Jerusalem, já poudo gabar-se de têr sido adoptado pela familia imperial. Quando, depois, Caligula no seu despotismo furioso pizava com os pés a dignidade humana de seus subditos, nunca conseguiu sacudir dos hombros a influencia judaica. “O rei da Judéa exercia sobre Caligula uma influencia tão poderosa que os romanos o consideravam, ao lado de Antiocho de Commagena, como preceptor do imperador na tyrannia” (2).

N’esse interim, “Agrippa, sem deixar de sorrir suavemente a Roma, preparava a Judéa para esta poder, em occasião opportuna, medir as forças com o poder dos Cezares” (3).

Ao prestigio de Agrippa é que agradece a corôa o successor de Caligula, o imperador Claudio. O arabarcha alexandrino, Alexandre, levava o fraco imperador para onde queria. Amante de seu successor, o famoso Nero, era uma proselyta judaica, Poppea Sabina, que conseguiu, depois, tornar-se sua esposa legal. Até o destruidor de Jerusalem, Tito, tinha como amante, Berenice, princeza judaica da familia herodiana.

A actividade dos hellenistas na vida publica de Roma, não se restringia á influencia sobre a casa imperial. Exerciam, tambem, uma vasta acção de propaganda entre as élites romana e grega e entre as massas populares. Em character de banqueiros e de commerciantes, participavam da vida economica e muitos romanos poderosissimos tinham de consideral-os, visto pue eram seus devedores.

Já n’aquella época, em character de medicos, penetravam na vida domestica e conseguiam saber de tudo de quanto precisavam. Afim de apagarem a differença externa entre si e as pessoas pertencentes á civilisação grega, escreviam em grego e affirmavam não serem inimigos d’essa civilisação. Em torno d’elles reuniram-se rodas de adeptos gregos e romanos do Testamento que lhes era ministrado sob capa grega.

Os adeptos intelligentes eram attrahidos por meio da litteratura, os simplorios - pela beneficencia (os chamados “indigentes”). Em torno dos agrupamentos judaicos na emigração, organisavam-se centros de proselytos, chamados de “tementes a Deus”. Não eram obrigados a cumprirem os preceitos do Testamento, não adheriam directamente á Alliança, mas seguiam os seus dirigentes judaicos em qualquer eventualidade.

Desenvolveu-se uma philosophia especial, a philosophia judéo-grega cujo principal representante foi Philo de Alexandria. Este judeu deu inicio ao systema syncretico na philosophia. O syncretismo consiste em que de diversos systemas philosophicos, tão abundantes na sciencia grega, escolhe-se varios componentes, sem se importar com o facto de um d’elles desmentir o outro. Na escolha dos componentes, não decide a vontade de dizer a verdade, mas, unicamente, o fim que se tem em vista. Escolhe-se aquillo que é mais conveniente, que com mais facilidade conduz o leitor inexperiente ao ponto a que o autor o deseja levar.

É, pois, uma philosophia baseada na consciente mystificação do leitor, a mesma que, alguns seculos depois, justificava Maimon Maimonides fallando sobre a contradicção cuja origem está no caso em que o autor não póde ou não quer dizer a verdade. As falsificações directas tampouco eram desprezadas: a litteratura d’apuellea época está cheia de escriptos falsificados por judeus. Quando os chamados “livros sybillinos”, contendo celebres prophcias, pereceram no incendio do Capitolio (82 a. Chr.), os judeus alexandrinos os falsificaram immediatamente e entregam aos romanos, como copia authentica. Essas prophcias influem, por diversas vezes, sobre a politica de Roma. No anno 56 p. Chr., foram ellas que decidiram da politica desfavoravel para com o Egypto (4). Foi por sua sugestão que Julio Cezar, em 44 a. Chr., pretende proclamar-se rei, porquanto, de accordo com os augurios falsificados, os parthros (persas) poderão sêr vencidos só por

um rei (5). Contudo, esses livros sybillinos contêm, também, uma significação occulta para os iniciados: predizem a queda do imperio romano, occultando Roma, como espirito máu, sob o nome d` Romulo (6).

Uma propaganda tão bem desenvolvida, baseada sobre influencia real dos aggrupamentos judaicos, podia prometter aos judeus hellenistas verdadeiros successos. Não admira, pois, que, em defeza de sua tactica, não hesitassem em ocupar Jerusalem militarmente, tendo Herodes como commandante.

Seus adversarios, os partidarios da tactica revolucionaria e militar, também não se deixaram por vencidos e espreitavam a primeira oportunidade para conseguir uma derrota.

Depois da conquista de Jerusalem por Herodes, o Synhedrion fica brevemente maiorisado pelos judeus babylonios (persas) e constitúe uma poderosa arma na lucta contra os adversarios. Á frente do Synhedrion põe-se o babylonio, Hillel, representante da corrente moderada do partido revolucionario, o pae espiritual do Talmud. Immediato de Hillel na presidencia do Synhedrion, fica o Essenio (communista ideal), Menahem.

A corrente da politica activa e radical é representada no Synhedrion por Shamnai que, pouco depois, substitúe a Menahem no seu posto.

Desde então, ferve uma disputa no seio do judaismo “pio” (não hellenico) entre os partidarios de actividade mais radical (os Shamnaistas) e os de tactica mais moderada (os Hillelistas). Ora estes, ora aquelles, conseguem a maioria.

Os descendentes de Hillel occupam a presidencia do Synhedrion durante os quatro seculos seguintes, até a queda do imperio romano.

O partido antihellenico procurava a sua força nas sociedades secretas, em primeiro logar nos “Chassidistas” (pios), nos Asidenios e outros cuja capa exterior estava representada pelos Phariseus.

Na época de Herodes, a ala radical dos “pios” organisa-se em uniões de “zelotas” ou ardentes; na sua frente colloca-se Judas o Gallileu. São organizações de lucta armada contra os romanos, por meio de guerrilhas, que, exteriormente, arvoravam a bandeira republicana (contra a dynastia herodiana). Os zelotas que são os proprios iniciadores de revoluções armadas na Judéa; são elles que procuram evitar pela violencia a realisacção do recenseamento geral da população, decretado pelo governo romano. Estão cultivando relações mais estreitas com os judeus babylonios que, sob a protecção do governo partho (persa), podem instigar impunemente as acções hostis contra Roma, mórmente que esta continúa n’um estado de guerra sem fim com os parthos.

A effervescencia subterranea cresce. Conforme só acontecer aos agrupamentos secretos e radicaes, separa-se dos zelotas uma ala mais radical ainda, os “sicarios”. Estes dedicam-se simplesmente ao banditismo e espalham pelo paiz a anarchia, posto que seu verdadeiro escopo seja a provocação de um movimento revolucionario.

Os judeus, com relação aos gregos e aos romanos, são a parte aggressora: atacam sorrrateiramente, á socapa, como os sicarios, ou ahi onde se sentem em maioria. Os sicarios, gradativamente, impõem a direcção á tactica dos zelotas. Começam pelo desbaratamento dos samaritanos.

Os revolucionarios não restringem sua actividade só á Palestina. Em Cezárea, no tempo de Nero, atiram-se subitamente contra a população grega, porém são rechassados; em Alexandria, foram menos bem succedidos, porquanto, reagindo a um ataque dos judeus contra a população não judia, o governador imperial, Tiberio Alexandre, deu ordens ás legiões romanas de invadirem e arrazarem os quarteirões judaicos, onde a soldadesca chacinou os habitantes.

Os zelotas propagam “sonhos messianicos”, portanto a esperança que os judeus hão de se apoderar do mundo. Certo Teudas de Alexandria apresenta-se como messias e, n’este caracter, pretende chefiar Israel n’uma luta armada e victoriosa. Maximas messianicas proclama agora até o hellenista Philo, o conhecido philosopho syncretista. Ahi se encontra a prova que, no periodo immediatamente anterior á sublevação, até os hellenistas (assemelhadores) pendem para a orientação radical. Pois não é o historiador judaico, José Flavio, que, posteriormente, faz parte do governo revolucionario da Palestina!

Afinal, os diversos “messias” e “prophetas” multiplicam-se a tal ponto, que o governador romano, Felix, é obrigado a fazer batidas formaes para se vêr livre d’elles. Em resultado, a sublevação judaica (66 post. Chr.) é inspirada por esperanças messianicas, portanto, pela tendencia de dominação do mundo pelos judeus.

Olhando para a imagem acima, podemos, porventura, extranhar que o anti-semitismo entre os elementos não judaicos do imperio estivesse crescendo e fortalecendo de um dia para outro ? Será algo de incomprehensivel que o celebre historiador romano, Tacito, tivesse definido os judeus com a denominação geral d’essa época de “despectissima gens” (gente mais despeita) ?

Assim é que Ernesto Rénan (judeu), na sua “Historia de Israel”, escreve com toda a razão: “O antisemitismo não é uma invenção dos nossos tempos e jamais foi mais violento do que no ultimo seculo antes da nossa era... Em Alexandria, em Antiochia, na Asia Menor, na Cyrenaica, em Damasco, a luta entre judeus e não judeus era verdadeiramente chronica. Começou a época de odios religiosos e é impossivel negar-se que essas manifestações de odio sempre foram provocadas pelos judeus”.

Logo que Nero, pois, sob a pressão da opinião publica, finalmente retirou aos judeus os direitos politicos, a explosão do levante na Judéa tornou-se uma fagulha levianamente arremessada sobre um barril com polvora. Tambem o commandante das legiões romanas, Tito, embóra inspirado por sua amante, a princeza judaica Berenice, que não o abandonava nem por um momento durante toda a campanha, teve de ceder ao animo dos seus soldados e á razão de estado romana.

O commandante romano manda, a pedido de Berenice, poupar o templo. Comtudo, não pôde detêr os soldados por occasião do assalto victorioso; uma tocha accesa arremessada por um desconhecido, cahe dentro do templo e as tropas triumphadoras, apesar da intervenção pessoal de Tito, provocam um incendio. Jerusalem é transformada n’um montão de ruinas.

Foi este o resultado das “tendencias messianicas”. Desde então, todo Israel jurou a Roma seu odio inextingivel: a Roma de todos os tempos e sob qualquer imagem.

Este odio e a séde de vingança tornaram-se, desde então, para Israel, os componentes reaes da sua religião politica.

(1) H. Graetz: A historia dos judeus, vol II, pag. 221.

(2) H. Graetz: A historia dos judeus, vol. III, pag. 90.

(3) H. Graetz: A historia dos judeus, vol. III, pag. 97.

(4) G. Ferraro: A grandeza e a queda de Roma, vol. II, pag. 53.

(5) G. Ferraro: A grandeza e a queda de Roma, vol. II, pag. 293.

(6) Salomon Reinach: Orpheus, pag. 272.

VII

AS SUBLEVAÇÕES. O SYNHEDRION. O TALMUD DE PALESTINA.

A tomada de Jerusalem e a queima do templo foram factores de uma maior dispersão de Israel, por todas as regiões do imperio romano. Em primeiro lugar, os prisioneiros tomados pelos romanos - cerca de um milhão de cabeças - os que não foram condemnados á morte por terem participado na sedição, foram vendidos como escravos para diversas provincias romanas. Atraz d'elles, arrastava-se uma onda de emigração espontanea, como nos tempos de Nabukhdnezar, para, em dispersão, achar melhores condições de vida que as na Palestina.

Roma não despojou os judeus dos direitos poiticos, facto este, devido ao qual lhes possibilitou uma plena existencia em todo o territorio do imperio. Posto que os cidadãos judaicos de Roma deviam têr olhado com horror o ingresso triumphal de Tito e a construcção do arco de triumpho que está ornando Roma até nossos dias, todavia em nada se viram ameaçados, quanto á propria existencia e quanto á sua influencia politica, de modo que, até as rodas de proselytos judaicos, estão continuando a sua existencia.

“O maior numero de adeptos encontrava a religião judaica na capital do mundo, em Roma, apesar dos preconceitos e da antipathia que os romanos em geral nutriam contra os judeus e apesar do misero exterior dos empobrecidos libertos judaicos que ganhavam a vida explicando sonhos aos romanos supersticiosos ou, simplesmente, extendiam a mão pedindo esmola” (1).

Os judeus que, desde o começo do imperio romano, formaram os primeiros agrupamentos em Alexandria e em Roma, agora estabeleceram-se em todas as cidades costeiras do Mediterraneo, alcançam a Gallia e a Espanha. Os grupamentos de Carthago e em Marselha que era chamada de “cidade judia”, conseguem alcançar uma grande importancia.

Essa livre dispersão de Israel pelas cidades do imperio, a conservação dos seus direitos civis, sua vasta participação nas administrações municipaes, a protecção dos imperadores, a exploração financeira da população, afinal o trabalho subterraneo com que minava os alicerces do estado - potenciavam o desenvolvimanto do antisemitismo.

Como resultado de pressão da opinião publica, fica instituido, pela primeira vez los annaes da historia, logo após a destruição de Jerusalem, um imposto especial per capita concernente sómente aos judeus (fiscus judaicus) que, depois, foi imitado pela organização fiscal da Europa medieval. Esse imposto, duas drachmas por anno e por cabeça, foi baseado na antiga contribuição estabelecida pelo Synhedrion e a renda proveniente d'esse imposto, devia sêr destinada á concervação do templo de Jupiter no Capitolio.

A opinião grego-romana reconheceu os judeus como sendo inimigos do genero humano (hostes generis humani).

“Em Alexandria era commum a crença em fazerem os judeus um juramento que nunca serão benevolos para com os extranhos” (2).

Os soldados que tinham invadido o templo de Jerusalem, espalhavam as noticias mais desencontradas sobre o culto que, ali, era exercido.

“De accordo com o que relatavam os inimigos que se apoderaram do templo, encontraram no lugar mais sagrado (sanctissimum) a imagem de duas pessoas humanas, unidas pelo acto sexual, e polluiram essa santidade pela interpretação brutal da sua significação interna, porquanto essa imagem tinha por fim, sob uma figura crassa e sensual, expressar o symbolo da união entre Deus e a nação judaica” (3).

O judaismo se oppunha á onda do antisemitismo graças, antes de mais nada, á conservação da sua solidariedade. O Synhedrion pereceu sob as ruinas da capital, todavia,

mercê a um astuto estratagema, salvou-se a sua cabeça, o rabbi Iochanan Ben-Zakkai.

De accordo com a lenda, mandou que o carragassem para fóra de Jerusalem sitiada, dentro de um caixão de defunto e foi ter com Tito a quem apresentou-se, como partidario da paz com Roma. Tendo conseguido, não sem o auxilio de Berenice, agradar ao commandante romano, obteve d'elle a permissão de fundar uma escola em Iamnia.

“Esse desejo do mestre judaico não despertou nenhum escrúpulo no espirito de Tito e nem lhe passou pela mente que, graças a esse acto, na apparencia tão insignificante, o fraco judaismo sobreviveria milhares de annos ao latinismo talhado em bronze e cheio de vida” (4).

Iochanan, sem perder tempo, sob capa de uma escola, organiza em Iamnia um novo Synhedrion.

Brevemente, apparece na chefie do Synhedrion seu presidente legal, descendente de Hillel, Gamaliel, em character de patriarcha (nassi).

D'esta maneira, o Synhedrion cahe sob a influencia dos Hillelistas, isto é, dos partidarios de uma orientação mais amistosa com respeito a Roma. Os dirigentes judaicos dedicam todos os seus esforços ao estreitamento da união do judaismo, lançando mão do anathema, como de um instrumento muito efficaz.

Todas as questões essenciaes na vida do judaismo eram submettidas á decisão do Synhedrion. As conferencias se realizavam de portas fechadas. Um dia que era debatida a questão si o judeu devia evitar a damnificação dos bens pertencentes a um visinho pagão, da mesma forma com si pertencessem a um seu correligionario, o patriarcha soube que os debates estavam sendo vigiados por um espião e “o patriarcha viu-se obrigado a promulgar uma prescrição especial dizendo que a lei humana pune da mesma forma o prejuizo causado a um pagão, como a um correligionario” (5).

Em opposição á maioria do Synhedrion, uma orientação extremista com respeito a Roma propagavam os Shamnaitas, continuando apoiar-se nas sociedades secretas e revolucionarias.

A união dos zelotas, depois da quédia de Jerusalem, organiza luctas subsequentes na Palestina e, depois, transfere a sua actividade para o Egypto e para a Cyrenaica. Por sua vez, em torno do Synhedrion, surge uma irmandade secreta que toma todas as precauções contra a penetração de elementos indesejaveis.

“Essa irmandade tinha, ao que parece, tambem fins politicos; os seus membros chamavam-se “companheiros” (chaberim). Quem desejava fazer parte da irmandade, tinha de jurar publicamente, na presença de tres membros activos, a obediencia ás regras da mesma. O membro que transgredisse essas regras, era excluido; eram tambem excluidos aquelles que de qualquer forma serviam os interesses das auctoridades romanas, em character de fiscaes ou de cobradores de impostos” (6).

Quem patrocina a actividade revolucionaria, é um dos chefes do Synhedrion, o rabbi Akiba Ben-Ioseph. Ao messianismo objectivo dos Hillelistas que removem a dominação do mundo para um futuro longinquo, antepõe a fé que o apparecimento do Messias e as victorias de Israel devem ser esperadas n'um futuro proximo.

É o messianismo que, após a destruição de Jerusalem, sustenta o animo de todo o judaismo na Palestina e na dispersão.

“Da sua existencia nacional, o judaismo conservava, cada vez mais, só sua saudade nacional, o ardente desejo de tornar a ser uma nação e, visto que os desejos não têm limites,

creou-se uma prophesia que os judeus seriam uma nação que dominará o mundo, uma nação que será chefiada por um Messias onnipotente” (7).

A expressão do messianismo assim compreendido foi a razão do facto que uma sedição judaica rebentou não na Palestina, mas no Egypto, na Cyrenaica e na ilha de Chypre.

É um traço muito característico que os judeus ousaram dar desafogo ao seu odio e organizar chacinas n’aquelles agrupamentos onde sentiam a sua superioridade physica sobre os autochthonos. Só na Cyrenaica, os judeus degolaram cerca de 220 mil pessoas; verdadeiras multidões foram por elles condemnadas á dilaceração por feras nas arenas. Da Cyrenaica atacaram o Egypto e conseguiram apoderar-se do paiz; a parte não judaica de Alexandria foi nivelada com o chão. Na ilha de Chypre, arrasaram Salamina, capital da ilha e massacraram cerca de 250 mil gregos, sendo que os prisioneiros foram esfolados vivos.

Só depois de demorados preparativos, as tropas do imperador Trajano conseguiram dominar esse motim judaico (116 post. Chr.). O successor de Trajano, Hadriano, procurou abrandar os judeus e seguiu uma politica philosemita; como recompensa do seu pacifismo, prepararam-lhe os judeus uma nova sedição, d’essa vez na Palestina.

Na frente d’essa nova sublevação (132 post. Chr.), collocou-se o zelota Bar-Kochba, proclamado Messias pelo já nosso conhecido, o grande synhedrionista, rabbi Ben-Akiba, que vaticinava a breve realisação do reino messianico. Foi sob seu patrocínio que começou a lucta.

O historiador Dion Cassius calcula o numero dos judeus revoltados em 580.000. Os amotinados, tendo organizado anteriormente todo o movimento, até o minimo detalhe em grande segredo, atacaram as tropas romanas na Judéa, na época em que o imperador Hadriano, em signal da sua alliança com os judeus, concedeu-lhes a permissão de reconstruirem Jerusalem e mandou cunhar moedas representando a elle, imperador, ao lado de uma mulher, a Judéa, deante um altar em que sacrificavam conjunctamente, ao passo que creanças entregavam á imperatriz ramos de palmeira, como symbolo da paz.

Entretanto, foi justamente n’esses ramos symbolicos que estava occulto o dolo: eis que o ramo de palmeira, desde a época dos levantes dos Machabeus, era considerado em Israel symbolo do messianismo militante. E - coisa caracteristica - no seculo XVII reaparece o mesmo ramo, como symbolo de uma sociedade secreta que combate contra Roma...catholica !

Foram necessarios para Roma tres longos annos para dar cabo ao levantamento judaico, porém, logo depois, começaram por ordem de Hadriano repressões systematicas.

O governador da Judéa, Timeus Rufus, tinha tão bem aprofundado a organização de Israel que conhecia perfeitamente o seu ponto vulneravel. Foi auxiliado n’essa tarefa por Eliza Ben-Abuia, membro do Synhedrion, que lhe confiou a lista nominal dos membros d’essa organização superior.

O braço de Roma alcançou a todos os membros do Synhedrion, isto é, os que conheciam todos os segredos e mysterios. Parecia, portanto, que a doutrina de Israel estivesse morta. O rabbi Ben-Akiba foi condemnado á morte pelo governador e “os contemporaneos choravam que, com elle, foram quebrados os braços do testamento e enterradas as fontes da sapiencia” (8).

O ultimo dos synhedristas, Iuda Ben-Baba, conseguiu transmittir uma parte dos mysterios a sete discipulos de Ben-Akiba e, d’esta forma, salvar os segredos de Israel para além das perseguições romanas, posto que, por falta de tempo, a iniciação não poudeser completa.

Por isto mesmo, um dos iniciados, rabbi Meir, procurou Eliza Ben-Abuia, o synhedrista que denunciara aos romanos os nomes dos membros do poder superior. E acontece que esse judeu chamado pelos seus patricios de “acher” (traidor), não denuncia os novos iniciados, até fornece instrucções ao rabbi Meir.

Os sete iniciados organisam em Usha um novo Synhedrion cujo chefe é eleito o rabban Gamaliel, filho do patriarcha anterior, portanto, novamente um descendente de Hillel.

Entretanto, a imperfeita iniciação dos novos synhedristas ameaçou o judaismo de uma scissão: na Babylonia, fóra do poder romano, em Nahar-Pakod, apparece outro Synhedrion. Só depois de grandes esforços do patriarcha Gamaliel, foi dissolvido o Synhedrion babylonio, garantindo ao judaismo uma direcção uniforme.

Depois da morte de Gamaliel, succedeu-lhe no patriarchado seu filho, Iuda; foi este que conseguiu, afinal, arvorar o patriarchado em centro do judaismo de todo o mundo. Foi nos seus tempos que o Synhedrion, já em numero completo de 70 membros, mudou-se de Usha para Bat-Sheraim e, depois, para Sepforis.

Os dois novos levantes judaicos, nos tempos de Antonio Pio (161 post. Chr.) e de Severo (201 post. Chr.), não provocaram actos mais energicos de repressão contra o Synhedrion, apesar de terem sido apoiados pelos inimigos hereditarios de Roma, os parthos, sob cujo poder se achava a Babylonia.

Gamaliel, o filho mais velho de Iuda, succede-lhe na dignidade patriarchal, ao passo que o filho mais novo, Simão é revestido da dignidade de “chacam” no Synhedrion.

No governo do imperador Gallus, explode uma nova revolução judaica com propositos messianicos (352 post. Chr.), que fica apagada em rios de sangue.

Ainda no imperio bysantino, estouram movimentos armados de caracter revolucionario e messianico. No começo do seculo VII, os judeus organisam um massacre da população não judia em Antiochia, ainda d’essa vez, com o apoio dos persas. Auxiliados pelas guerrilhas judaicas, os persas tomam de assalto Jerusalem (614), assassinam os christãos em toda a Palestina e destróem todas as egrejas. O imperador Heraclio, só depois de ter rechassado os persas, abafa essa revolta a mão armada.

O Synhedrion durou em Sepforis e, depois, em Tyberiade, até o anno 425 após Christo. Desde essa data, em vista da fixação em Bysancio de um governo christão, as superiores autoridades judaicas evitam a luz do dia e mudam-se para a Babylonia.

A época das luctas de Israel contra o imperio romano, salientou-se na vida do judaismo pelo apparecimento do Talmud, chamado de Talmud Palestino. Ainda durante a independencia da Judéa, a escola pharisaica difficultava o accesso aos livros sagrados restringindo-o por varias perseguições de ordem da chamada “pureza levita”. Tantas ceremonias eram indispensaveis para evitar a impureza após o contacto com os livros sagrados que, até os proprios Aronidas preferiam desistir de sua leitura para não comprometterem a sua “pureza”.

Conforme já dissemos acima, os Phariseus dedicaram muitos esforços á ampliação da “halacha”, isto é, da lei tradicional existente além da Thora.

A compilação e o agrupamento essencial das “halachas”, bem como a justificação de seu poder obrigatorio - eis a “Mishna”; a explicação da Mishna encontra-se, por sua vez, na “Guemara”.

São considerados auctores da Mishna palestina os rabbi’s Ben-Akiba, Meir e Iuda. Comtudo, não se deve suppôr que qualquer um d’elles tivesse escripto a sua obra; era prohibido o gravar por escripto a doutrina tradicional, portanto tambem as halachas e a

Mishna, que foi seu producto, porquanto deviam ficar como propriedade exclusiva dos “doutos no Testamento”.

Só tempos depois, a Mishna foi transcripta, em duas redacções diferentes, na Palestina e na Babylonia, porém n’uma algaravia hebreo-araméa, com accrescimo de expressões gregas e latinas. Entretanto, o ensino continuou em viva voz, sem auxilio de livros.

Independentemente da Mishna, appareciam as “Agadas” ou instrucções politicas servidas sob a figura de narrações. Dos exercicios em Agadas, provem a Kabala (cabala). “Ao passo que as “halachas” eram ensinadas publicamente em todas as escolas, a mystica era considerada coisa intima e secreta, portanto o mestre transmittia-a ao ouvido do seu discipulo predilecto. Emfim, a Cabala era tida por uma sciencia para a qual era indispensavel uma predisposhção de animo especial, accessivel unicamente aos eleitos entre o povo” (9).

A origem de Cabala é attribuida ao rabbi Ben-Akiba, patrono do levante judaico. Data dos seus tempos, tambem, um escripto anonymo, “Hagada na Pesach”, relatando uma reunião de rabbins n’uma noite vespéral e o seu colloquio sobre o exodo dos Israelitas do Egypto. O thema, ao que parece, servia de capa á realidade politica d’aquella época.

“Os modernos historiadores judaicos consideram aquella reunião em Bnei-Bpak, em casa de Akiba, como tendo sido a primeira conferencia revolucionaria, ante a explosão do levante nos tempos de Hadriano, assim tambem explicam todos os discursos e calculos contidos na Hagada, e que nos estão parecendo bastante enigmaticos, até ingenuos”.

Pela cabala interessa-se tambem o rabbi Simão Ben-Iochai a quem, com ou sem razão, é attribuida a auctoria do livro “Zohar”, de character cabalisticopolitico-messianico. Do livro “Zohar” provem e n’esse livro está haurindo a sua inspiração, até os nossos dias, a organização dos “pios” (chassidim). Os chassidistas polonezes comemoram festivamente, ainda hoje, o anniversario da morte de Simão Ben-Iochai.

(1) H. Graetz: A historia dos judeus, vol. IV, pag. 114.

(2) Conde H. Coudenhove Karlegi: Das Wensen des Antisemitismus, pag. 114.

(3) Salomon Maimon: Autobiographia, vol I, pag. 154

(4) H. Graetz: A historia dos judeus, vol IV, pag. 14

(5) H. Graetz: loc. Cit. vol IV, pag. 42.

(6) H. Graetz: loc. cit. Vol IV, pag. 27.

(7) Karl Kautsky: A raça e o judaismo, pag. 59.

(8) H. Graetz: A historia dos judeus, vol. IV, pag. 88

(9) Dr. Majer Balaban: A historia e a litteratura judaicas, vol. I, pag. 243.

VIII OS JUDEUS E A DESORGANIZAÇÃO DO IMPERIO ROMANO

No capítulo precedente foi descripto o desenvolvimento interno do judaismo, na época do imperio romano, após a destruição de Jerusalem. Foi demonstrado que o principal cuidado dos dirigentes judaicos, foi a solidificação da occulta solidariedade de Israel e o salvamento dos alicerces da sua organização, atravez as tempestades historicas. O seu odio contra o imperio romano os levou ao ponto de, muito rapidamente, tomarem seus desejos por realidades e organizarem explosões sangrentas que eram obrigados a pagar muito caro e durante muito tempo. Todavia, esse preço sangrento não lhes inspirava mêdo a ponto de desistirem das suas tentativas.

“Os acontecimentos no mundo romano a tal ponto preocupava os animos dos leitores judaicos que, até durante o somno, não os deixavam em paz” (1).

A progressiva putrefacção do imperio romano, tinha de incitar os judeus para um adeantamento activo d’esse processo historico.

Foram cegados pelo odio fanatico e não perceberam que demolindo o edificio do imperio, iam ser facilmente soterrados por seus escombros.

Para collaborar efficazmente na ruina do imperio, os judeus, a par da sua acção de solidificação e de isolamento de Israel, bem como da acção directamente conspiradora e revolucionaria, tiveram de tratar da outra, consistente na penetração na vida intima romana e no apagamento de diferenças visiveis entre si de um lado e os gregos e romanos do outro, afim de apressar a quêda do inimigo, estimulando a sua decomposição.

Essa missão é executada pelos judeus hellenistas e por varios outros que se introduzem na côrte dos cezares e influenciam sobre a politica, judaizam a litteratura, desmoralizam os costumes, paralyzam a vida aconomica e financeira, incitam o descontentamento das massas populares, emfim, não raras vezes, servem de mola na organização de demonstrações e arruaças.

Logo após a destruição de Jerusalem, personifica essa politica o conhecido historiador judaico, Josè Flavio.

Durante o levante judaico nos tempos de Nero, aportou a Jerusalem vindo de Roma e, por ordem da junta revolucionaria, como Phariseu que era, assumiu o governo da Galiléa. Depois da conquista da Galiléa por Vespasiano, convence a este que nunca deixara de ser partidario dos romanos e consegue regressar a Roma. Ali, desempenha um papel importante na côrte imperial. O judeu Epafrodito, ex-secretario e intimo de Nero, que agrupava em seu torno os proselytos judaicos, já durante a estada anterior de José Flavio em Roma o cobria com a sua proteção; agora esmagada a revolta, continúa em protegê-lo. José Flavio escreve em Roma obras: “Das antiguidades judaicas”, “Contra Apio”, esta dirigida contra o conhecido chefe do movimento antisemita em Alexandria, emfim, a historia da insurreição judaica.

“Os seus ocios involuntarios no palacio dos cezares flavianos, dedicou-se José á propaganda a favor do judaismo” (2).

José Flavio, pacifista, hospede imperial em Roma, protector dos prisioneiros judaicos na capital do mundo, sabia occultar com successo o seu segundo semblante: o de phariseu e de messianista convencido que os judeus hão de dominar o mundo.

Até que, afinal, ultrapassou os limites da prudencia. Conseguiu capturar para o judaismo um parente dos imperadores Tito e Domiciano, certo Flavius Clemens. A um dos filhos d’esse Clemens, o imperador Domiciano concedeu o titulo de cezar prometendo-lhe que herdaria o throno imperial (3).

“A noticia que um parente do imperador, sobrinho do destructor do templo, sympathisava com a religião judaica, chegou até a Palestina e despertou as mais dôces esperanças nas rodas dos mestres do Testamento” (4).

Ao receber essa nodicia, o proprio patriarcha Gamaliel, acompanhado de alguns dos dirigentes do Synhedrion, emprehendeu uma viagem a Roma.

O patriarcha e os seus companheiros queriam provavelmente apressar a inthronisação do filho de Clemens, porquanto não foi sem a sua participação que se organisou, então, uma conspiração contra o imperador.

“O absolutismo e o autoritarismo de Domiciano provocaram, brevemente, a organização da opposição antidynastica que se compunha de varios elementos: da aristocracia senatorial

que não perdoara ao imperador de ter pendido para o exclusivismo; dos philosophos que encontraram na sua vida privada material sufficiente para a critica; finalmente, dos judeus, muito numerosos em Roma, que não perdoaram á dynastia flaviana seu papel na guerra judaica” (5).

Temos, pois, deante de nós, uma conjuração historicamente comprovada, pretendendo revestir de purpura imperial um filho de Flavius Clemens, proselyto judaico. A essa conjuração de que faz parte o “pacifista” José Flavio, o judaismo attribue tamanha importancia que o chefe do Synhedrion, o edoso patriarcha Gamaliel, não hesita em transpor todo o Mediterraneo para, pessoalmente, dirigir-a.

Inesperadamente, todos os calculos mallograram, visto que Domiciano conseguiu descobrir tudo e condemnou á morte a Flavius Clemens e aos mais eminentes entre seus companheiros. Entre outros, perdeu a vida Epafrodito, esse protector de José e - ao que parece - o proprio José O patriarcha, de certo bem escondido por traz dos cabeças da conspiração, não chamou para a sua pessoa a attenção do imperador, entretanto as suas esperanças se desvaneceram por completo.

O successor de Domiciano, Nerva, iniciou, novamente, uma orientação philosemita: abrandou a arrecadação do imposto judaico (fiscus judaicus) e prohibiu as denuncias contra os que se recusavam a pagal-o. Para commemorar esse facto, mandou cunhar uma medalha com a imagem de uma palmeira que, para elle, era symbolo da paz e, para os judeus - segundo já sabemos - symbolo messianico da Judéa militante.

Depois do esmagamento dos motins judaicos na Cyrenaica, no Egypto e na ilha de Chypre, no governo de Trajano, o imperador Hadriano inicia uma politica favoravel aos judeus, concede-lhes a permissão para reconstruirem Jerusalem e, novamente, manda cunhar moedas com imagens de palmeiras; em compensação, é obrigado a abafar, durante annos consecutivos, a revolução em Palestina, que se servira do symbolo da palmeira, porém na sua significação real.

De qualquer modo, a lição não foi perdida, porque, desde então, a influencia dos judeus na côrte imperial desaparece para o periodo de varias dezenas de annos e revive, outra vez, só na época da crise catastrophal do imperio que preenche quasi todo o terceiro seculo após Christo.

É o seculo em que a desorganização do imperio alcançara seus alicerces. Em menos de cem annos, reinara cerca de vinte imperadores, sem se tomar em conta dezenas de usurpadores que se apoderavam do governo em diversas partes do imperio, de forma que, algumas vezes, houve seis, até nove imperadores ao mesmo tempo. Todas as fronteiras do imperio foram transpostas por hordas de barbaros, as provincias mais ricas foram devastadas. Essas calamidades foram acompanhadas por uma crise economica e financeira nunca vista e por uma completa corrupção dos costumes. Parecia que o imperio havia de ruir inevitavelmente, que não teria forças para se oppôr á migração dos povos.

Os judeus olhavam para a catastrophe com jubilo e viam nas hordas barbaras que devastavam o imperio, a realização das predições de seus prophetas.

“Nos Godos, n’essa primeira onda dos povos que se derramaram pelo imperio romano como uma enchente aniquiladora, esperavam encontrar os judeus a Gog do paiz de Magog prenunciado pelo propheta” (6).

Desde o inicio d’esse periodo, observamos em Israel uma actividade febril. Recompensando o auxilio que lhe foi prestado na lucta com Pescennius Niger, o imperador Septimus Severus restitue aos judeus todos os privilegios que tinham perdido após o motim de Bar-Kochba. A resposta a esse philosemitismo é - conforme já se tornára uma regra -

uma revolução judaica a mão armada, organizada de accordo com o mais encarniçado inimigo de Roma, o rei partho Vologuez. O imperador, movendo ao mesmo tempo a guerra contra os parthos, é obrigado a dividir suas forças, para apagar o incendio judaico (201 post. Chr.).

Por ocasião da maior anarchia milidar, n'uma enchente de dictaduras militares usurpadoras, os judeus conseguem, até, apoderar-se indirectamente do leme do imperio romano.

“Após a morte do austero Severus, o imperio romano revestiu-se, durante quasi um quarto de seculo, de um character, póde-se dizer, syrio, muito proximo ao judaico. Dominavam Roma astutas mulheres syrias: Julia Domma (recte Martha), esposa de Severus e mãe do imperador Caracalla (211 - 217), sua irmã Julia Meza e duas filhas de Meza: Julia Soemia e Julia Mammea. Eram oriundas da cidade syria de Emeza, onde existia uma importante comuna judaica. Existiam, tambem, em Emeza importantes proselytos... Essas syrias imperando ao mundo romano, sendo, por assim dizer, aparentadas com os judeus, partilhavam com elles o desprezo para com o altaneiro romanismo” (7).

Depois de ter sido assassinado Caracalla, foi imposto pela legião syria, para imperador, Eliagabal (Heliogabal), filho de Julia Soemia (218 p. Chr.).

“As proezas loucas de Eliagabal não eram destituídas de certa tendencia: a de depravar a alma romana” (8).

O successor de Heliogabal foi Alexander Severus, filho de Julia Mammea. Este concedeu aos judeus vastos privilegios e uma jurisdicção criminal autonoma. Mandou collocar na capella do palacio imperial uma estatua de Abrahão e pretendia edificar em Roma um templo consagrado a Jehovah.

Esse periodo de governo dos dois imperadores semijudaicos derrubou sobre Roma toda qualidade de calamidades; segue-se-lhe a mais negra anarchia, deslocam-se todas as connexões do edificio do estado. Desde a morte de Alexander Sevdrus, começa um prolongado periodo de disturbios militares (235 - 268). Os barbaros invadem as fronteiras por todos os lados, no interior, a população é assolada por uma catastrophe economica e financeira, sendo que o governo central passa continua e illegalmente de uma mão para outra. E sem duvida alguma, teria sôado a hora final do Estado romano, não fôsse a energia dos imperadores, ou, de facto, de usurpadores da dynastia illyrica; não pertenciam a uma familia só, mas eram ligados pela origem illyrhca (dalmatina). Eram militares profissionaes e foi o exercito que os elevou ao throno.

O merito d'elles consistia na salvação do imperio para mais dois seculos, n'um momento em que a situação parecia desesperada.

O que mais se destacou entre esses imperadores, Diocleciano, cujo palacio podemos admirar, até hoje, em Split, yugo-slavo (Spalato), dedicou os seus maiores cuidados á solidificação do Estado. Seus antecessores já tinham conseguido varrer dos barbaros as provincias; Diocleciano tomou sobre os hombros um encargo mais difficil: o de dar ao Estado a unificação de outróra.

Para os judeus, o imperador mostrou-se muito benevolo, “tanto mais benevolo, quanto mais odiava os christãos” (9).

O successor de Diocleciano, Constantino, foi o primeiro imperador que, antes da morte, abraçou o christianismo. No anno 313, baixou um decreto de tolerancia concernente aos christãos, mas abrangendo, tambem, os judeus. Com o successor de Constantino, Juliano, o Apostata, os judeus readquiriram o seu prestigio na côrte, ao ponto de ter resolvido o imperador reconstruir o templo de Jerusalem, por proprio sumpto, e nomeou para

intendente da reconstrução o judeu Alipio de Antiochia. Os judeus, encorajados pela situação, soltaram as redes aos seus sentimentos e reduziram às cinzas na Judéa e nas províncias asiáticas, um grande numero de igrejas christãs.

A morte de Juliano pôz fim ás esperanças de Israel. Segue-se a época do christianismo em Constantinopla e em Roma. Não obstante, está reinando a tolerancia em relação aos judeus. Theodosio, o Grande (379 - 385) confirma, n'um edicto especial, os direitos judaicos.

Nos tempos de Theodosio, consumma-se definitivamente a divisão do imperio romano em Imperio Romano Occidental, com a capital em Roma, e o Imperio Romano Oriental, com a capital em Constantinopla (Bysantium).

O primeiro imperador oriental, Arcadio (395 - 408), era conhecido pela sua benevolencia para com os judeus; seu omnipotente corteção era Rufino, subornado pelos judeus.

“Rufino era avido e os judeus já tiveram tempo de conhecer o poder maravilhoso do ouro que amolece os corações de pedra” (10).

Não é senão durante a evolução posterior do imperio oriental (bysantino), que a attitude dos judeus para com o christianismo lhes barra o caminho para a côrte imperial.

A codificação do direito romano pelo imperador Justiniano (527 - 565), já introduz no artigo 45 restricções contra os judeus, como seja a prohibição de servirem de testemunhas em processos movidos contra christãos, porquanto “os judeus não têm honra nem fé, vivem na torpeza da alma, assim como todos os seus haveres são sordidos”.

Esta é a definição final dos judeus pelo direito romano. Em vista d'isto, será de admirar-se que este direito é objecto de odio secular de Israel ?

“Eis a maior differença entre o direito romano e o judaico: aquelle protege e mantem o que existe, revestindo-o da majestade de ordem legal; este conhece, desde a sua origem, a esperança de uma ordem de coisas” (11).

É, portanto, uma relação entre a evolução e a revolução, o odio dos incendiarios contra a ordem legal e é esta a ordem protegida pela lei, que Israel se propunha aniquilar, em nome de Jehovah-dominador.

O prestigio de que dispunham junto ao governo, não exgottou o trabalho roedor dos judeus. Não é preciso perder de vista que, como cidadãos romanos, participavam da autonomia das cidades do imperio e que a autonomia, mórmente nos primeiros seculos do imperio, era muito vasta. Não é sinão depois, que a participação da autonomia torna-se onerosa, visto que os imperadores impõem aos membros da administração municipal a responsabilidade financeira pessoal de sua actividade publica. Desde esse decreto, (seculo III, p. Chr.), os judeus abandonam espontaneamente seus cargos nas administrações municipaes, deixando essa honra aos romanos e gregos.

No terreno das finanças, os judeus, conforme já o sabemos, encarregavam-se, com muito bôa vontade, do arrendamento de impostos e contribuições. É uma coisa digna de nota que dois levantes judaicos (nos reinados de Hadriano e de Antonio), coincidem, quanto á época, com as deliberações dos imperadores abolindo o arrendamento dos impostos.

No terreno da emissão de dinheiro, tinham os judeus um excellent campo de acção no periodo da devalução do mesmo que durou desde o seculo III p. Chr., durante a anarchia militar e as invasões dos barbaros.

O dinheiro cunhado na casa da moeda em Roma e nas das cidades provinciaes, torna-se cada vez inferior em qualidade e, finalmente, perde o seu valor, o que dá margem a vasta especulação.

Salvou-se para a posteridade um interessante documento proveniente dos primeiros annos do seculo III, um decreto da administração municipal de Mylassa, pequena cidade sita na costa meridional da Asia Menor. Eis um fragmento d'esse decreto:

“O bem da cidade corre um grande risco, devido á acção criminosa de um reduzido numero de individuos que estão adquirindo e escondendo o dinheiro, ao ponto que a moeda meuda desapareceu da cidade. Quem e em tempo algum estabeleceu-se n'um paiz ou n'uma cidade cujos habitantes encontram difficuldade quando se querem fornecer de objectos indispensaveis á vida ? Eis que nós nos encontramos n'esta situação precaria, devido á falta de dinheiro meudo. Pela mesma razão, fica atrasada a arrecadação dos impostos para os nossos governantes, além de que são prejudicados os interesses do commando superior do exercito. Toda a cidade clama pedindo para ser afastado este mal”.

Seguem-se resoluções e penalidades impostas aos culpados. O mais interessante é, comtudo, o additamento ao decreto votado pelo senado da cidade, accrescentado pelo proprio povo reunido n'um comicio:

“Si o dinheiro meudo é escondido, não temos de que viver e a cidade está perdida. Alguns criminosos estão causando uma confusão e guardando o dinheiro. Não se póde mais supportar isto” (12).

Na casa da moeda em Roma, no tempo do imperador Aureliano (270 - 275), são postos á luz do dia abusos inauditos: fica provado que o director da casa da moeda, Felicissimes (não será um Immergluck moderno ?), de commum accordo com os trabalhadores falsificava o dinheiro, diminuindo em dez por cento o conteúdo do ouro.

O imperador Aureliano determina o fechamento da casa da moeda, mas, em resposta, estoura em Roma um motim armado dos moedeiros sob o commando do mesmo Felicissimus. O imperador é obrigado a mandar tomar a casa da moeda de assalto.

O assambarcamento assumiu proporções incriveis no imperio; a prova disso está em numerosos decretos, principalmente no decreto de Diocleciano, do anno 301, em que é estabelecida uma tarifa de preços maximos bem como severas penalidades para os assambarcadores.

Esses dderetos patenteam que a população estava ameaçada de fome, uma vez que os commerciantes guardavam os generos de primeira necessidade. Nas cidades arrebentavam as arruaças que era preciso dispersar a mão armada. Em Antiochia, o maior aggrupamento judaico nas provincias asiaticas, cerca do anno 350, cahe victima de semelhante arruaça o proprio governador imperial.

Seria impossivel hoje, sem aprofundados estudos especiaes, reproduzir minuciosamente a participação dos judeus na decomposição da civilização e da vida economica no imperio, entretanto, o que já foi acima citado não póde deixar a menor duvida sobre essa participação que foi muito activa.

Tambem o senador romano, Rutilius Namatianus, que escrevia no seculo V p. Chr., devia ter tido algumas razões quando, depois da tomada de Roma pelas hordas de Alarico, attribuiu a queda do imperio aos judeus dispersos por toda sua extensão (13).

Não resta menor duvida que o senador Rutilius, na sua amargura, classificou o papel desempenhado pelos judeus com exagero, porquanto não seria difficil enumerar muitos outros factores que, todos juntos, prepararam a catastrophe do imperio. Nem por isso é menos certo que os judeus não deixaram escapar nenhuma oportunidade para apressar essa catastrophe e que os berros das hordas barbaras que devastavam as provincias romanas eram, para elles, a mais suave musica.

A consciencia d'esse papel, com relação á civilização grego-romana, a tradição historica de Israel a conservou. Partilha-á com os seus leitores judaicos, no jornal "Haint", redigido em gíria dos judeus orientaes, o chefe dos sionistas polonezes, o rabbino Thon, no artigo intitulado "Para a historia da politica judaica".

"Seria insano o julgar que só em nossos dias nasceu a politica judaica e que os nossos antepassados não tivessem tido idéa sobre esta arte tão difficil. Não se sabe, então, que já nos tempos dos nossos doutos que dirigiam a politica judaica contra a horrenda Roma, um dos methods de lucta era a manifestação popular e a instigação reciproca das diversas politicas dentro do paiz ? Incitando o monarcha contra o povo, a egreja contra o monarcha e vice-versa. Foi um systema de acção politica extraordinariamente intrincado e do qual, hoje em dia, até não podemos ter uma idéa bem clara" (14).

Roma enfraquecida na sua organização e no seu animo, cedeu ao impeto dos barbaros, entretanto... perdurou sob outra imagem e dura até nossos dias. Foi o christianismo que sustentou e levou para a historia a sua civilização e todo seu real producto intellectual. E, junto com esse producto dos seculos antigos, levou o odio da parte dos judeus. O odio contra a doutrina de Christo foi ainda sobrecarregado pelo odio contra Roma e estes dois odios juntos acabaram por envenenar a alma do judeu medieval.

(1) H. Graetz: A historia dos judeus, vol. IV, pag. 141.

(2) H. Graetz: loc. cit., vol. IV, pag. 63

(3) Vide St. Dedio: Os judeus na côrte dos imperadores romanos.

(4) H. Graetz: loc. cit., vol. IV, pag. 64

(5) Léon Homo: L'émpire romain, pag. 58

(6) H. Graetz: loc. cit., vol. IV, pag. 168.

(7) H. Graetz: loc. cit., vol IV, pag. 114.

(8) H. Graetz: loc. cit, vol IV, pag. 114.

(9) H. Graetz: loc. cit., vol. IV, pag. 114

(10) H. Graetz: loc. cit., vol IV, pag. 171.

(11) H. Kohn: Die politische Idee des Judentums, pag. 52.

(12) Léon Homo: L'empire romain, pag. 303

(13) Vide Salomon Reilach: Orpheus, pag. 224

(14) "Haint" do dia 24 de Outubro de 1930.

IX O CHRISTIANISMO E OS JUDEUS

O quadro representando a actividade dos judeus no Estado romano, não seria completo se omittirmos a sua attitude para com o christianismo recém-apparecido que se alastrava pelo mundo, de um modo muito rapido. Os autores judaicos dos tempos antigos procuram fazer crêr que não são os judeus que odeiam o christianismo, mas, pelo condrario, foram os christãos que os tratavam com má vontade injustificada, oneram-nos com a culpa da crucificação de Christo, com innumeras calumnias com respeito ao assassinato ritual, a desacatos a templos christãos, ao envenenamento dos poços, imputaram-lhes terem convidado os tartaros, etc.

Convem estudar esta questão de mais perto, á medida que nol-o permitem os materiaes accessiveis e as fontes historicas.

É um facto indiscutivel que as primeiras perseguições do christianismo na Judéa, têm origem nas rodas judaicas. Basta mencionar a morte de martyr de S. Jacob, condemnado á morte pelo Synhedrion, no anno 62 da nossa éra.

A primeira perseguição dos christãos pelos romanos teve logar nos tempos de Nero, por instigação da sua mulher, a prolesyta judaica, Poppea Sabina, na época em que os judeus ainda eram bem vistos pelo imperador.

Já foi mencionado acima que, n'esse tempo, o Synhedrion de Iamnia lançara o anathema sobre os christãos, proclamando-os impuros.

Durante o levante judaico, nos tempos de Trajano, na Cyrenaica, no Egypto e na ilha de Chypre, na ocasião em que os judeus massacraram meio milhão de gregos e de romanos, cahiram victimas das suas sevicias tambem as communas christãs. Com uma crueldade selvagem tratou os christão na Palestina o chefe da insurreição, o “messias” Bar-Kochba.

“Só os christãos de origem judaica, moradores da Judéa, tratou Bar-Kochba com crueldade, visto que contra elles nutriam os seus patricios uma animosidade talvez maior que contra os proprios romanos” (1).

Convem perguntar, quaes foram as razões que inspiraram aos judeus esse odio contra os christãos que, por sua vez, usavam de uma attitude cheia de respeito para com elles e, até, para com a sua doutrina.

Israel d'aquella época respirava um odio politico contra o Estado romano e, n'essa data, utilisava-se de duas armas differentes. Antes de mais nada, procurava encerrar e isolar completamente o seu povo nos circulos das sociedades secretas que, por sua vez, viviam com a esperança revolucionaria de que havia de apparecer o messias, chefe terrestre e levaria os judeus á victoria que terminaria com o seu dominio sobre os demais povos. Independentemente d'essa acção, os dirigentes do judaismo faziam esforços para conseguir penetrar ao fundo da alma grego-romana, utilizando-se para isso de uma propaganda haurida em falsificados, como tambem de congregação em seu redor do proletariado não judaico, dos assim chamados “indigentes” (ebionim). Póde-se comprehender com facilidade que esse proletariado alimentado com a esperança de revolução messianica que ia ser, ao mesmo tempo, uma revolução social, estava tão fanatisado pelas idéas insufladas pela messianismo, como o fôe ser actualmente o proletariado alimentado por maximas de revolução communista.

N'esse entretanto, os aposolos da doutrina de Christo dirigiam-se, em primeiro logar, tambem a esses indigentes e, entre elles, desde o primeiro seculo do christianismo, encontramos uma verdadeira multidão que abandona as fileiras do judaismo a favor da nova doutrina.

O christianismo tambem predicava o messianismo, mas quão differente do messianismo de Israel ! Christo, como Messias, tambem annunciava o reino de Deus, mas um reino que não era d'este mundo; um reino não só de Israel, mas um reino de que participariam todos os que o mereceriam, sem distincção de origem.

Procuremos, agora, comprehender a situação dos dirigentes do Synhedrion: apparece um novo movimento espiritual, uma nova religião que lhe tira os proselytos e enthusiasma as massas do proletariado não judaico, em que baseavam as suas esperanças de revolução no estado romano. Além d'isso, a nova religião annuncia a essas massas um reino que não é d'este mundo, um paraizo que não é terrestre, portanto está pacificando a apagando entre essas massas o enthusiasmo revolucionario em referencia á realidade terrestre e arranca das mãos dos dirigentes do Synhedrion a sua arma ameaçadora. Logo, é necessario aniquilar essa doutrina, emquanto ainda é tempo.

Entretanto, as forças judaicas mostram-se insufficientes... onde poder-se-á encontrar aliados ? O melhor será procural-os no campo inimigo, na propria Roma imperial e pagã. Os christãos não querem curvar-se perante os idolos pagãos nem perante os imperadores, ao

passo que os judeus sempre são dispostos a ostentar todas as apparencias, conforme já o fizeram tantas vezes anteriormente. É necessario, pois, aproveitar-se, o mais breve possível, d'essa intransigencia dos christãos e fazer vel-a aos romanos. A perseguição dos christãos no tempo de Nero, a constancia heroica dos martyres convenceram os romanos que as prevenções dos judeus não estavam destituídas de base. Agora, é preciso ainda confirmar Roma na convicção que o christianismo é uma seita judaica, porém a mais radical, a mais revolucionaria e a mais perigosa. Com effeito, olhae, oh romanos ! na reunião do Synhedrion, o rabbi Ismael ensina que “para salvar a vida, é licito transgredir todos os preceitos do judaismo, evidentemente só na apparencia e cedendo á força” (2).

Contudo, o Synhedrion prescreve evitar-se o paganismo. Assim é que “commovem até as lagrimas esses pequenos ardis e pias evasivas de que os judeus lançavam mão para evitar a morte e não sobrecarregar a consciencia (3).

N'este entretanto, os christãos preferem morrer do que prestar uma homenagem mentirosa ao imperador e ás divindades pagãs.

Os romanos deram credito aos judeus e as primeiras perseguições dos christãos pelos imperadores romanos tiveram por fim o exterminio da seita judaica mais revolucionaria. Depois da conhecida conspiração judaica contra Domiciano, cahiram victima da ira imperial, tambem os christãos.

Foi o odio dos judeus contra os christãos, manifestado durante o levante de Bar-Kochba, na Judéa, que, em parte, abriu os olhos dos romanos sobre a mystificação judaica. Após a suppressão do levante, o imperador Hadriano recebe das mãos dos chefes da Egreja, Quadratus e Aristides em Athenas, seus escriptos apologeticos que provavam não sêr em absoluto o christianismo uma seita judaica. Hadriano deixou-se convencer e mandou suspender a perseguição dos christãos, facto este de que se aproveitaram tambem os judeus, de accordo com os preceitos estabelecidos pelo Synhedrion.

“Logo que os christãos acharam graça nos olhos do imperador, tambem os judeus adheriam a elles afim de consertarem ao menos um bocado da sua religião, uma vez que o culto do Testamento lhes foi prohibido” (4).

Desde então, cessaram as perseguições dos christãos para um longo periodo de tempo e reviveram só na segunda metade do seculo III.

Na época da terrivel crise do imperio, durante a continua anarchia militar, o imperador Decio, no anno 250, inicia o exterminio systematico dos christãos que dura, quasi sem interrupção, até o imperador Constantino.

Quaes são os incitantes d'essas crueis disposições ?

O imperio romano está oscillando. Ameaçado de todos os lados pelas invasões dos barbaros, desorganizado interiormente pela anarchia militar, passando por uma arruinadora crise economico-financeira - está na beira do abysmo. De mais a mais, não se percebe uma base de civilisação e de moral em que se possa reconstruir o edificio. O governo dos imperadores semi-judaicos, Heliogabal e Alexander Severus, desmoralisou os costumes e espalhou por todo o imperio a influencia destructora do Oriente. Os mais energicos imperadores da segunda metade do seculo III e, entre elles, o grande Diocleciano, querendo salvar Roma da anarchia, tencionavam amparar a vida do imperio por uma base commum idéo-religiosa. Até então, o imperio era orientado pelo syncretismo religioso, isto é, pela tolerancia absoluta e pelo reconhecimento de todos os deuses adorados pelos povos do imperio. Essa anarchia religiosa ameaçava Roma de um desmembramento definitivo.

O imperador Valeriano proclama o sol como unico deus do imperio romano e, no anno 257, baixa um edicto exterminador contra os christãos. O procedimento do imperador não

deixa de sêr coerente: uma vez que deseja restituir a Roma a unidade religiosa e decide a favor de deus-sol, o christianismo, então, já organizado e poderoso, ameaçava, pela sua propria existencia, a idéa de unidade religiosa em que o imperador via, com razão, um penhor de renascença para o imperio. Entretanto, não se póde resistir á pergunta, porque decidiu elle e os seus successores a favor de deus-sol e não do christianismo, como de religião do estado, o que fez só o imperador Constantino, mais de meio seculo mais tarde.

Talvez seja esclarecida um pouco esta questão, pelo facto que os escriptores christãos contemporaneos, Origenes e Tertuliano, queixam-se amargamente nos seus escriptos os judeus calumniarem o christianismo perante os pagãos.

No tempo de Diocleciano, o rabbi Abbahu emprega “todos os recursos da sua eloquencia agadica para atacar a religião christã” (5).

É a esta luz que podemos comprehender o acto de Conspantino que tendo resolvido declarar-se do lado do christianismo, retirou aos judeus alguns privilegios, como o de poderem declinar de si o exercicio dos cargos para os quaes fôrem nomeados nas administrações autonomicas municipaes.

Julião o Apostata (361 - 363) torna a collocar-se ao lado dos judeus e persegue os christãos. Promete aos judeus reconstruir-lhes o templo por conta propria e concede-lhes plena liberdade para incendiarem as egrejas christãs nos paizes asiaticos. Foi elle o derradeiro perseguidor romano do christianismo que, desde então, desempenha o papel de religião do estado.

Não obstante este facto, os judeus no imperio bysantino aproveitam-se de todas as oportunidades para soltar as redias ao seu odio contra os christãos. Logo que, por occasião da guerra com o imperio, o commandante persa, Sharbarza, entrou na Judéa, os judeus formaram bandos armados ao lado do invasor, entraram junto com elle em Jerusalem (614), massacraram ali noventa mil christãos e, depois, reduziram á cinzas as egrejas em todas as cidades de que conseguiram apoderar-se (6).

Na sua ansia de aniquilar o christianismo, - lançaram mão de seu systema já experimentado - a par da sua directa e a par do açulamento dos romanos e dos gregos contra os christãos, não deixavam de applicar a sua arma predilecta que consistia em tentarem uma acção decomponente no seio do proprio christianismo. Esta acção era facilitada pela attitude da Egreja que desejava fazer os judeus adherirem á doutrina de Christo.

Desde os tempos de Bar-Kochba, quando os judeus assassinavam os christãos na Palestina, encontravam-se entre estes trahidores que “ficaram firmes do lado dos seus patricios e denunciavam aos juizes judaicos os trahidores da propria seita” (7). Depois do suffocamento da rebelião, quando o imperador Hadriano prohibiu até a circumcisão e concedeu a liberdade de culto aos christãos, novamente - conforme já mencionamos - um grande numero de judeus abraçou apparentemente o christianismo. Depois, esse processo de baptismo simulado, no começo da idade media, tomou um character geral nos estados que surgiram dos escombros do imperio romano occidental, onde, todas as vezes que subia ao throno um rei catholico, todos os judeus se baptisavam e, logo que a este succedia um rei ariano, todos os judeus voltavam novamente ao judaismo. Esta comedia era por muitas vezes repetida.

Comtudo, já nos primeiros seculos depois de Christo, houve indubitavelmente, certo numero de confessores simulados judaicos que, penetraram dentro do christianismo e, entre elles houve sem duvida, tambem individuos que ali penetraram com fins decomponentes, assim como varios José Flavios se introduziram nas côrtes imperiaes romanas.

Ha muitos indícios demonstrando que as seitas e as heresias dentro do christianismo primitivo tiveram a sua origem entre esses intruzos. Os historiadores da Igreja, munidos de sciencia linguistica e historica, provavelmente poderão, no futuro, nos fornecer muitos esclarecimentos a este respeito. A nós, nada nos resta sinão nos basearmos nas modestas informações de que dispomos.

Esforçar-nos-emos de demonstrar a influencia judaica sobre a origem de duas, talvez mais importantes seitas, isto é, das seitas gnosticas e das arianas. As nossas observações não poderão, naturalmente, fornecer uma imagem definitiva dos factos e, necessariamente, serão restringidas a detalhes que nos parecem, á primeira vista, mais importantes.

A sophistica gnostica baseava-se, no seu methodo, no methodo judaico allegorico, applicado pelos judeus de Alexandria que, por sua vez, provinha da escola de Philo Judeu, esse philosopho syncretista de que já tratamos nos capitulos precedentes. Os escriptores gnosticos utilisavam-se, muitas vezes, nos seus escriptos, da lingua hebraica.

“Os auctores d’essa litteratura, raras vezes appareciam sob seu proprio nome; as elocubrações da sua phantasia attribuiam, geralmente, a antigos historiadores judaicos” (8).

Assim foi que “não podiam sêr indifferentes para com o judaismo taes escriptores, feitos, em parte, por judeus e para judeus” (9). Contacto com o gnosticismo teve, até, o celebre synhedrista, rabbi Ben-Akiba, o chefe espiritual dos levantes judaicos.

Quanto ao arianismo, a sua these principal foi a negação a Christo de consubstancialidade com o Pae e reconhecia-lhe apénas a semilhança (homousios e homolusios); essa controversia era chamada de lucta por uma letra só. A these ariana era a annullação da idéa de Trindade e uma volta na direcção do monotheismo, concebido judaicamente e que se horrorisava ante o reconhecimento de divindade a Christo e, maxime, concordava com a attribuição de papel de propheta ou de messias, isto é, de um homem promulgando a vontade de Deus. Essas tentativas de fazer o christianismo resignar da divindade de Christo, tiveram logar ainda antes do apparecimento do arianismo.

Na “Historia Ecclesiastica” de Eusebio, no livro V, cappitulo 28, encontramos o seguinte: Theodotus Corialius (curtidor) foi o primeiro pae e inventor da heresia negando á Christo a divindade a affirmando que Christo era um homem commum (nudum hominem), devido a que foi excluido da Igreja pelo papa Victor... Houve, tambem, certo homem, chamado Natalius, que foi levado á tal comprehensão erronea por Asclepiodoto e um outro, Theodoto, chamado Argentarius (banqueiro)” (10).

Não é difficil adivinhar, de que origem era o christão que, n’aquella época, podia se dedicar á profissão bancaria.

A mesma doutrina é, depois, pregada pelos adopcionos, predecessores immediatos dos arianos.

É coisa digna de nota que os adopcionos revivem, outra vez, já como seita organizada, no seculo VIII na Espanha, portanto, na época da maior judaisação da peninsula iberica (11).

O proprio Ario, sacerdote de Alexandria, causador da scisão na Igreja, era oriundo da Cyrenaica, logo, de um paiz cuja população judaica estava n’uma superioridade numerica esmagadora. Epiphania, escriptor schismatico do seculo XVII, assim descreve Ario: “Ario teve todas as qualidades de uma serpente perigosa e o exterior tão insinuante que, mercê a seu semblante, induzia com facilidade em erro os simplorios e os credulos”.

A scissão provocada pelo arianismo abalou a Igreja profundamente, não menos que a reformação, um millenio mais tarde. Durante seculos inteiros travavam-se luctas armadas pela religião, nas quaes os arianos invadiam egrejas, arrancando quadros e imagens. N’esse

iconoclasmo transparece, novamente, a visível influencia do judaismo que proíbe - conforme é notório - a representação plástica de Jehova e de homens. Foi por isto, que os estandartes com as imagens dos imperadores romanos, constituíam uma offensa ás crenças religiosas judaicas e que as gentis cohortes romanas, afim de não irritar com essas imagens a população judaica, geralmente procuravam não entrar dentro da Judéa.

Foi ao arianismo que coube um triste papel politico no desmoronamento do imperio romano. Eis que Roma de Constantino, na procura de salvação da unidade religiosa, resolve amparar-se no christianismo. O christianismo que ia augmentar as forças do estado na luta desesperada contra as invasões dos barbaros, contra a chamada migração dos povos, foi então mesmo que umas desconhecidas forças tenebrosas rasgaram a unidade do christianismo.

O imperador Constantino percebia perfeitamente a importanção d'esse perigo quando tomou parte, pessoalmente, no Concilio de Nicéa que devia decidir a disputa (anno 325). Emquanto o povo de Deus permanecer desunido por uma luta inutil e perniciosa, eu não poderei ficar socego”.

O concilio condemnou a doutrina de Ario, mas este não se entregou e organisou uma heresia poderosa. O proprio Constantino oscillava para os dois lados e, apesar de têr protegido no começo os christãos orthodoxos, nos debradeiros annos da sua vida, passou para o lado dos arianos.

Entre os seus successores, uns conservavam-se fieis á Egreja, outros eram arianos. Os povos barbaros, principalmente os que se estabeleciam nos territorios do imperio, como os Godos, os Vandalos, adheriam ao arianismo.

O imperador Theodocio o Grande collocou-se ao lado da Egreja, mas nem elle conseguiu extinguir o arianismo.

“Podia-se esperar que o triumpho do christianismo resultaria em estabilisação da unidade moral e religiosa do imperio. A origem e o successo extraordinario que teve a heresia ariana, fizeram desaparecer essa esperança” (12).

O christianismo e o imperio romano, ambos odeados pelos judeus, receberam, de uma só vez, um golpe poderoso. Tambem, em qualquer parte que fôrmos observar o dominio dos arianos, sempre os encontraremos como amigos incondicionaes dos judeus.

O arianismo perdurou até o seculo VI depois de Christo.

(1) H. Graetz: loc. cit., vol. IV pag. 43.

(2) H. Graetz: loc. cit., vol. IV pag.

(3) H. Graetz: loc. cit., vol. IV pag. 84

(4) H. Graetz: loc. cit., vol. IV, pag. 91.

(5) H. Graetz: loc. cit., vol. IV, pag. 145.

(6) Vide Conde Coudenhove Kaergi: Antisemitismus, pag 158.

(7) H. Graetz: loc. cit., vol. IV, pag. 158.

(8) H. Graetz: loc. cit., vol. IV, pag. 40.

(9) H. Graetz: loc. cit., vol. IV, pag. 40.

(10) Ignacy Radlinski: Jehova; pag. 25.

(11) Vide Prof. T. Zielinski: O hellenismo e o judaismo, vol. I, pag. 121.

(12) Léon Homo: L'elpire romain, pag. 129.

A desorganização do império romano que durou alguns séculos e a que os judeus tanto contribuíram, repercutiu de uma forma catastrófica n'elles mesmo. A disseminação dos judeus já tinha alcançado a totalidade dos territórios do império, de maneira que as invasões das hordas bárbaras os punha, também, em perigo. A crise económica e a confusão na situação interior cortaram, também aos judeus, os meios de existência e causaram a proletarianização de numerosas massas judaicas. Enfim, os povos nómades, simples e bárbaros, não apreciavam com uma bonhomia civilizada as artimanhas judaicas, como o faziam, muitas vezes, os romanos e os gregos.

Para a sua felicidade, o judaísmo conservou um oásis que não fôra tângido pelos abalos históricos, onde pôde occultar-se e ficar esperando que a tempestade passasse. Esse oásis foi o reino dos parthos ou, para dizer melhor, uma parte d'esse reino, a Babilónia, território comprehendido entre os rios Tigre e Euphrates.

Os judeus, conforme sabemos, estabeleceram-se n'essas paragens desde o século VIII antes do nascimento de Christo. Depois da conquista da Palestina por Nabukhadnezar, uma multidão de judeus foi levada para a Babilónia e a maioria ali permaneceu definitivamente, sem se apressar em regressar á patria. Esses judeus, desde então, sempre exerciam grande preponderancia sobre os judeus palestinos, no sentido hostil com respeito ás civilizações grega e romana. Foi ali que appareceu a orientação de isolamento do Testamento.

Na época do império romano, Babilónia possuía uma incontestavel maioria judaica, ao ponto de sêr chamada “país de Israel”. Era dos judeus babilônios que partia sempre a incitação para guerras perennes entre os parthos e os romanos. Capital da Babilónia era Nahardéa chamada de Jerusalem babilonia; além d'esta cidade, duas ainda, Pumbadita e Sura, tornaram-se importantes na vida do judaísmo.

No reino dos parthos, os judeus formaram uma organização de estado dentro do estado. Gozavam de uma autonomia completa na cuja chefia estava collocado um exilarcha (príncipe no exílio). A lista dos successivos exilarchas continúa, quasi sem interrupção, até o século XI depois de Christo.

“Babilónia tornou-se virtualmente um estado judaico cuja constituição era a Mishna e cujos representantes eram o príncipe no exílio e os dirigentes das reuniões doutrinares” (1).

Quanto era maior o caos que assolava o império romano, tanto mais esplendida era a florescência das doutrinas judaicas na Babilónia. A direcção politica do judaísmo mundial permanecia, por enquanto na Judéa onde funcçãoava o Synhedrion, porém, depois do insuccesso do levante de Bar-Kochba, Babilónia já faz esforços para assumir a chefia. Por essa vez, o Synhedrion concorrente estabelecido na Babilónia, fica dissolvido, devido ás explicações dos synhedristas palestinos, entretanto os proprios acontecimentos dentro do império romano, cada vez mais favorecem a deslocação da vida espiritual do judaísmo, para a Babilónia.

Durante o periodo da anarchia militar no século III após Christo, os doutos judaicos e, atraz d'elles, numerosos emigrados procuram o reino dos parthos, porquanto “si a existência do judaísmo dependesse unicamente do destino da terra natal, n'este caso, de accordo com as previsões humanas, esperava-o, nas condições de então, o desaparecimento inevitavel da superficie da terra” (2). Assim foi que “prevendo que o tronco da nação não conseguiria salvar-se sob o sceptro dos opressores romanos, tornou-se indispensavel a conservação, na Babilónia, dos remanentes dos exilados” (3). São, pois, fundadas duas “escolas de doutrina” judaistica talmudicas, em Sura e em Pumbadita. Na sua frente são collocados “gaón's” que, depois do exilarcha, são os maiores dignitários em

Israel. É n'essas escolas que apparece o Talmud babilonio que, na idade media, substitue o palestino e torna-se a espinha dorsal do judaismo disperso. O ponto final no Talmud babilonio foi posto cerca do anno 500 depois de Christo.

Comtudo, não se deve julgar que o Talmud tivesse sido escripto n'essa época. Era, então, prohibido o gravar por escripto a Mishna e seus commentarios (Guemara); que era uma doutrina secreta, no sentido exacto da palavra, que era transmittida, só verbalmente, pelos iniciados.

“A fixação da tradição verbal por escripta, como materialisação de elementos espirituales, sempre foi considerada peccado” (4).

“Restava, pois, a Israel, de accordo com o ponto de vista de então, unicamente o ensino verbal, como traço caracteristico. Esta idéa revestida de um manto poetico, repete-se seguidamente: “Moysés tencionava, tambem, gravar por escripta a Mishna, a doutrina verbal. Entretanto, prevendo que os povos apoderar-se-ão da Thora em traducção grega e affirmariam: “Sómos Israel, sómos filhos de Deus”, emquanto a nação judaica diz: “Nós somos filhos de Deus” - Jehova deu um signal especial: “Quem possui o meu mysterio, é meu filho”. E este mysterio é a Mishna e o ensino verbal do Testamento” (5).

A mesma coisa em bom vernaculo significa: os livros sagrados correm o risco de apparecerem no exterior e tornarem-se accessiveis a outros povos que poderiam allegar direitos a Jehova e a seu reino terrestre. É necessario, pois, guardar só para Israel os seus mysterios, esta chave da sua alliança com Jehova. Em consequencia... o Talmud - um mysterio.

O judaismo babilonio fortemente organizado, tornava-se independente da Palestina. Já no fim do seculo III, o rabbi Huna faz valer a divisa: “Consideramo-nos na Babylonia, como na Terra Santa”.

No anno 425 desaparece o Synhedrion na Judéa e Babylonia torna-se o centro espiritual do judaismo mundial. É verdade que faltam indicações precisas sobre o funcionamento do Synhedrion na Babylonia, entretanto, n'essa mesma época, o rabbi Ashi de Nahardé` recebe o titulo de rabban o que significa “nosso mestre”, titulo este que competia ao presidente de tribunal do Synhedrion.

A Babylonia permanece, desde então, durante alguns seculos, o centro director do judaismo, até que as ondas do mahometanismo o arrastam atraz de si para a Espanha.

Roma ficou desmembrada como imperio, porém o christianismo levou-a, como seu symbolo, para os annos posteriores da humanidade, ao passo que o judaismo - em grande parte causador da catastrophe - foi obrigado a transferir os mysterios da sua alliança com Jehova para o interior da Asia.

Porquanto “foram necessarios oito seculos de successos continuos e de disciplina, para construir este immenso edificio que não póde sêr destruido sem, ao mesmo tempo, arrastar aquelles que lhe roerem os alicerces” (6).

(1) H. Graetz: loc. cit. vol. IV, pag. 135.

(2) H. Graetz: loc. cit. vol. IV, pag. 119.

(3) H. Graetz: loc. cit., vol. IV, pag. 120.

(4) H. Graetz: loc. cit. vol. IV, pag. 181.

(5) H. Graetz: loc. cit., vol. IV, pag. 181

(6) Tacitus: Historiae, IV 74

XI O NASCIMENTO DO ISLÃO

A queda do imperio romano empurrou os centros espirituales do judaismo das margens do Mediterraneo para o longinquo Oriente asiatico. No imperio bysantino, bem como nos estados oriundos do antigo Imperio Romano Occidental, os judeus foram despojados da participação na vida politica e, frequentemente, preferiam baptisar-se em massas, para, em occasião opportuna, voltar ao Testamento.

A enorme quantidade de judeus espalhados nos tempos romanos, até a Galia Septentrional e a Germania, vivia quasi isolada dos agrupamentos directores de Israel na Babylonia. Nada, pois, de extranhar que o judaismo estivesse disposto a aproveitar toda occasião que se lhe apresentava para reconstruir o seu prestigio nos paizes do Mediterraneo e n'aquella parte da Europa a que tinha chegado o christianismo.

Nas condições então existentes, o caminho parecia sêr cortado. Nas ondas das invasões persas podia-se alcançar, quando muito, Jerusalem e as costas da Asia Menor e, isso mesmo, para um curto espaço de tempo. O agrupamento babylonio estava demasiadamente distante, penetrou demais fundo da Asia, para poder accionar efficazmente sobre os destinos dos judeus na Europa e na Africa Septentrional e, ainda menos, podia oppôr-se ao christianismo execrado.

A opportuidade appareceu, afinal, e o judaismo soube aproveitá-la com verdadeira arte. De terreno para a grande experiencia historica, serviu a peninsula arabica.

As relações dos judeus com os arabes vinham de longe, para o que basta mencionar o poder judaico sobre estes no Egypto. A propria peninsula arabica já estava povoada por judeus, de modo que os membros da união secreta dos zelotas que, após a destruição de Jerusalem por Tito, se refugiaram na Arabia, ali encontraram numerosos grupos de correligionarios.

Os judeus d'ali, não raras vezes foram chefes de tribus arabes, dedicavam-se, por intermedio dos judeus persas, ao commercio com a Persia e ao banditismo.

Em vista de sua superioridade cultural, exerciam grande preponderancia sobre a vida e as crenças dos arabes; o principal centro de que o judaismo irradiava sobre a população da peninsula, tornou-se Iathibu (Medina). “Os judeus insistiam muito em que os arabes os considerassem e reconhecessem como nação” (1). Convenceram-nos, pois que eram descendentes de antepassados comuns. “Os arabes, por sua vez, satisfeitos por vêrem d'esse modo alargados os estreitos quadros de suas recordações historicas, ao terem a gloria de poder contar entre os seus ascendentes os pratriarchas judaicos, acceitaram sob fé de palavra esses argumentos” (2).

Graça a meios acima, os judeus conseguiram obtêr toda a liberdade na peninsula bem como um numero consideravel de proselytos do judaismo, entre os quaes não faltavam até cheik's. “Um acontecimento, porém, marcando época foi a conversão ao judaismo do poderoso rei de Yemen” (3).

A noticia d'esses successos do judaismo chegou, indubitavelmente, aos ouvidos da corporação directorial na Babylonia, visto que as relações commerciaes entre os dois paizes estavam bastante animadas. Sem duvida, não foi sem a annuição da Babylonia que os judeus arabes resolveram aproveitar-se da dynastia judaica na sua lucta contra Bysancio christão. O successor do rei proselyto (Abu Kariba) Zorah Dhu-Novas (520-530) judaizou-se ao ponto que adoptou no throno o nome judaico de Iusuf (José) e, em vista d'isso, prestava-se perfeitamente para uma acção aggressora, a favor dos ardentes desejos judaicos. Começou por um massacre dos commerciantes christãos e continuou por massacres de christãos em geral, onde só os pôde alcançar. Em defeza dos christãos ergueu-se o rei ethiope, Elesbaa, christão fervoroso, e fez passar suas tropas atravez do Mar Vermelho,

com o auxilio da frota bysantina. Seu exercito victorioso poz fim ao estado judaico na Arabia. Como resultado d'essa politica judaica de aventuras, vieram massacres de judeus effectuados pela propria população arabe que se vingava dos causadores da invasão do paiz.

Não foi sinão no fim do seculo VI que os judeus conseguiram refazer-se dos golpes que soffreram; principalmente em Iathribu (Medina) chegaram a recuperar o prestigio antigo.

O judaismo conseguiu não só captar a seu favor algumas tribus arabes e enchertar-lhes algumas instituições indispensaveis, como tambem despertar entre os filhos do deserto o fundador de uma nova religião cuja acção abranjeu vastos circulos na historia universal e, até os nossos dias, transparece nos seus effeitos. Mahomet, “o propheta de Mecca e Iathribu, comquanto não tivesse sahido do seio do judaismo que hauriu os estímulos para crear uma nova religião na base do estatismo que, sob o nome de Islão (Islam), repercutiu reciprocamente com muita força sobre a formação da historia judaica e sobre a evolução do judaismo” (4).

Mestre de Mahomet foi, segundo a tradição, Varaba Ibn Naufal de Mecca que tinha adherido ao judaismo.

“Os primeiros estudos de Mahomet... tinham um colorido essencialmente judaico” (5).

Por algum tempo, Mahomet teve até um secretario judaico que substituia o propheta na arte de escrever que este não possuia. Tendo encontrado opposição em Mecca, Mahomet foge para o centro do judaismo arabico, Iathribu (Medina), no anno 622. Por esta data começa a contagem da nova era do calendario mahometano.

Em pouco tempo, Mahomet sacudiu a independencia immediata dos judeus e, até virou contra elles. Publica em Sura (edicto) contra elles, a chamada Sura da Vacca, em que os accusa de terem rompido a alliança com Jehova. Desde então, determina que os fieis, ao fazerem suas preces, voltem os semblantes na direcção de Mecca e não, como foi antes, na de Jerusalem. Obrigou os judeus mais obstinados a abandonarem o paiz.

De nada serviram as tentativas dos judeus para se desembaraçarem do propheta revoltado, por meio de veneno e de outro ardil qualquer. Nem surtiu effeito a incitação de algumas tribus arabes a uma expedição contra Medina. Em resultado, os arabes retrahiram-se dos judeus e Mahomet organizou um massacre entre elles.

A unica coisa que os judeus conseguiram, foi, de accordo com o seu systema, o fornecimento a Mahomet de tres concubinas consecutivas, naturalmente judias: Richana, Safia e Zainaba. A ultima commeteu um attentado contra o propheta: Mahomet provou um pedaço de coxa de camelo, preparado e envenenado por ella, mas, logo, o cuspiu fóra. Apesar d'isto, nunca, até a sua morte, recuperou a perfeita saude.

Foi provavelmente a já nossa conhecida união secreta dos zelotas que dirigiu os primeiros passos do islão, porquanto depois do massacre dos judeus ordenado por Mahomet, um dos mais proeminentes entre elles feito prisioneiro, Zabir Ibn-Bata, quando condemnado á decapitação, “ofereceu o pescoço com uma coragem, digna de Zelota” (6).

Assim foi que Mahomet desvencilhhou-se da tutela dos judeus e armou milhares de homens com o espirito fanatico da nova religião.

A empresa judaica, apesar de não se têr tornado aquillo que pretendiam os seus organizadores, trouxe a Israel, em seu resultado, lucros immensos.

A intenção dos dirigentes do judaismo foi, sem duvida, explorar o terreno da Arabia, preparado a seculos com antecedencia, para alliciarem numerosos grupos de proselytos que, com espada na mão, se atirassem contra os paizes christãos servindo de vanguarda ao judaismo.

É certo que mallograra completamente a primeira e a essencial parte do programma; o islão conservou a sua independencia organizadora dos dirigentes hebreus, comtudo ficou embebido da exclusividade judaica com respeito aos extranhos e do odio contra o christianismo. Estes dois factores foram sufficientes para que as hordas do islão se arremessassem contra os paizes christãos e que deixassem aos judeus a colheita dos fructos das suas victorias. Desde então, o destino dos judeus, apesar de multiplas rixas com os confessores de Allah, foi durante varios seculos estreitamente ligado ao destino d'estes. Mercê ao islão, os judeus lograram fazer desaparecer os effeitos dos desastres que foram o resultado da destruição leviana do imperio romano e, outra vez, invadir a Europa.

Os judeus, dispersos por toda parte, facilitavam, pela trahição, as manobras das tropas mussulmanas. Brevemente, devido á trahição, cahiram nas mãos dos arabes Cezaréa (na Palestina) e Jerusalem (636). Com o consentimento dos judeus, tambem a Babylonia passou sob o dominio dos califas arabes; não é isto de extranhar, porquanto a direcção geral não devia ficar separada do terreno de tão importantes acontecimentos.

Pouco depois, cahe em poder dos arabes o Egypto e, logo, toda a Africa Septentrional.

“As relações entre os judeus e os mussulmanos arranjam-se, em muitos paizes, da melhor forma possivel bem como em nenhum paiz mahometalo foram conhecidas systematicas perseguições religiosas ou conversões forçadas. Desde o segundo califa, Ali, os judeus persas desempenharam um papel importante; cerca de 90 mil judeus prestaram homenagem a esse monarcha e, com esse acto, decidiram a seu favor a disputa pela sucessão ao propheta” (7).

Sentindo-se tão bem sob o dominio dos califas, os judeus da Africa Septentrional já tinham oportunidade de olhar com cobiça para a costa européa do Mediterraneo onde o christianismo ganhava, cada vez mais, terreno, ao passo que os numerosos agrupamentos judaicos eram, geralmente, desprovidos de prestigio politico. Suas vistas eram especialmente atrahidas pela Espanha dos visigodos, separada das terras africanas dos califas por um estreito apertado apénas.

Os reis visigodos espanhoes oscillavam seguidamente entre o catholicismo e o arianismo. “Os judeus viviam socegradamente sob o sceptro dos reis arianos, gozando de plena liberdade civil e politica e, até desempenhando diversos cargos publicos” (8).

O rei catholico Sisebut baixou em 612 uma ordem que mandava os judeus se retirarem do paiz, porém fez uma excepção para os que adherirem ao christianismo. Uma grande parte dos judeus baptisou-se ás pressas, outra parte emigrou para a França e para a Africa. Entretanto, já o successor de Sisibut, Svintila, chamado pelos judeus de “pae da patria”, (621-631) concedeu aos emigrados a licença para regressarem; aproveitaram a occasião os baptisados para, em massa, voltarem ao judaismo.

Comtudo, brevemente foi applicado com respeito aos judeus que abandonaram o catholicismo, o rigor que, tanto a elles como aos seus descendentes, foi prohibido servirem de testemunhas nos tribunaes, “porquanto quem não ficou fiel a Deus, não merece fé entre os homens”.

Durante o reinado dos monarchas subsequentes, a desconfiança contra os judeus crescia cada vez mais, de forma que, novamente, começaram a baptisar-se em massas. No tempo do rei Hindasvind (642 - 652), os judeus passaram-se, mais uma vez, em massas para o judaismo. E assim foi que essa procissão dos filhos de Israel do judaismo ao catholicismo e vice-versa, estava intimamente ligada á constellação politica, como si, desde então, quizessem fazer vencer a divisa do seculo XVI e que inventaram os principes allemães: “cuius regio, ehus religio”.

Essa simulada adesão ao catholicismo, despertara a atenção dos reis e dos conselhos; foram postas em pratica diversas disposições para proteger a Igreja contra judeus secretos ou, como eram chamados n'aquella época, "christãos judaisantes". As restricções dos direitos judaicos n'essa época eram justificadas pela desconfiança para com o procedimento de Israel.

Entremettes chegara o momento em que os judeus ficaram livres de usarem mascaras.

"Entraram em accordo com os seus felizes irmãos africanos tencionando, provavelmente com o auxilio dos mahometanos que continuavam progredindo e dos descontentes magnatas locais, derribar o estado dos visigodos (694)" (9).

O conluio foi, d'essa vez, descoberto e os culpados soffreram a pena merecida.

Entretanto, poucos annos depois (710), "os judeus que, em diversas épocas emigraram da Espanha e os seus infelizes correligionarios na peninsula, alliaram-se ao conquistador mussulmano, Tarik, que passou da Africa para a Andalusia suas tropas, ardentes de desejo de lutar" (10).

A batalha em Xeres de la Frontera (711) decidiu dos destinos do christianismo na peninsula iberica. Depois d'essa victoria, "os arabes victoriosos invadiram o interior do paiz, auxiliados em toda parte pelos judeus" (11).

As portas da capital do paiz, Toledo, foram traiçoeiramente abertas ao inimigo pelos judeus (712) que fizeram um massacre entre os christãos. A onda mussulmana derramou-se por toda a peninsula e invadiu a França. Ali, foram ainda os judeus que entregaram aos arabes a cidade de Tolosa (Toulouse). Emfim, a derrota dos arabes em Tours et Poitiers salvou o christianismo.

A solidificação do dominio arabe na Espanha facilitou ao judaismo a sua fixação definitiva ás portas do christianismo execrado. Segue-se para os judeus um periodo de verdadeira florescencia, da sua preponderancia intellectual e politica. Está amadurecendo o estado das coisas em que a direcção mundial do judaismo póde resolver a sua transferencia da Babylonia para a Espanha.

Até então, a Babylonia ainda tinha a primazia e os judeus dispersos por todo o mundo, viam no principe em exilio, logo que chegava a elles a noticia obscura sobre sua existencia, o successor do sceptro de David" (12).

Entretanto, o islão no Oriente, mais unido sob o ponto de vista estadoal, era muito menos tolerante para com os judeus que o islão occidental, fraccionado em pequenos califados. De mais a mais, ameaçaram inesperadamente os judeus as primeiras cruzadas que podiam isolar a Babylonia dos demais paizes da diaspóra.

"Já no anno de 1096, chegaram á Palestina noticias sobre a approximação dos cruzados e sobre seu cruel procedimento para com judeus" (13).

Finalmente, ha mais um factor: eis que, devido a controversias internas no seio do judaismo babylonio, com respeito á introdução do Talmud, resulta uma perigosa secessão: surge a seita dos Caraibas (ou Karaimos) que rejeitam o Talmud e reconhecem só a Santa Escripura. O creador d'essa seita, Aman Ben-David, era entre os judeus babylonios um personagem de grande prestigio. Encontrara, pois, um grande numero de adeptos e, brevemente, a communa caraita elegeu-o principe em exilio. Desde então, explodiu uma lucta entre os caraitas (os que lêem os livros sagrados) e os talmudistas, chamados, tambem, de rabbinistas.

Os caraitas augmentaram em quantidade e chegaram até a Espanha; durante alguns seculos, ameaçaram a unidade judaica. Existem, até os nossos dias, communas caraitas na Russia (em Moscow e na Criméa) bem como na Polonia (Halicz, Troki, Luck).

Em vista d'essa situação na Babilônia, “nas condições políticas e culturais da época, não havia outro país a não ser a Espanha ou, melhor, a Andaluzia mahometana (mouresca) que fosse mais conveniente para um centro espiritual do judaísmo em geral e mais digno de assumir a posição directriz (14).

D'este modo, “a Espanha judaica pôde levantar a luta contra a Babilônia, arrancar-lhe o sceptro e, quasi durante meio milennio, conservar a hegemonia sobre todo o judaísmo”(15).

(1) H. Graetz: loc. cit., vol. IV, pag. 221.

(2) H. Graetz: loc. cit., vol. IV, pag. 222.

(3) H. Graetz: loc. cit., vol. IV, pag. 222.

(4) H. Graetz: loc. cit., vol. IV, pag. 227.

(5) H. Graetz: loc. cit., vol. IV, pag. 228.

(6) H. Graetz: loc. cit., vol. IV, pag. 235.

(7) Dr. Majer Balaban: A historia e a litteratura judaicas, vol. I, pag. 22.

(8) H. Graetz: loc. cit., vol. IV, pag. 213.

(9) H. Graetz: vol. V, pag. 16.

(10) H. Graetz: vol. V, pag. 16.

(12) H. Graetz: loc. cit., vol. V, pag. 12.

(13) Dr. Majer Balaban: A historia e a litteratura judaicas, vol. II, pag. 49.

(14) H. Graetz: vol. V, pag. 79.

(15) H. Graetz: vol. V, pag. 80.